

# DESCOLADOS

Revista de Direitos Humanos – Inesc. Brasília/DF, 2011. Nº 2  
Distribuição gratuita



**POR TRÁS DAS GRADES:  
VOZES, SONHOS E IMAGENS**

Entrevista com jovens do CAJÉ

**PNE**  
Plano Nacional de Educação  
2011-2013

**SÃO BARTOLOMEU  
UM RIO SAGRADO  
... E AMEÇADO**



**PARA TUDO  
EXISTE A  
PRIMEIRA E A  
PRÓXIMA VEZ**

**A BELEZA E A DIVERSIDADE  
DO ESTILO AFRO**

**LEGALIZAÇÃO  
DA MACONHA:**  
sim ou não?

**PITALATI**  
Direitos de terras e sementes indígenas

**Violência e drogas na escola**

Realização



Apoio



## Conselho Editorial

**Centro de Ensino Médio da Asa Norte - Ceann:** (ex-alunos/as) Isabel Kelly D. Amorim, Joana Piantino Bianchetti, Júlia Capdeville, Pedro Henrique Couto, (alunos/as) Irlana Peixoto, Leiliane Vieira, Lucas Daniel R. de Souza; **Centro de Ensino Fundamental Carlos Motta - Lago Oeste:** (ex-aluna) Gabriella Dias dos Santos, (alunos/as) Eli Souza Pereira, Ludmilla Rodrigues, Paula Gabriela Barbosa Castillo; **Centro de Ensino Médio 2 do Gama:** Thallita de Oliveira Silva, Victor Bruno R. de Paula; **Centro Educacional 4 do Guarará:** (ex alunos) Israel Victor de Melo, Raquel Rodrigues Ferreira; **Centro de Ensino Médio 2 de Planaltina:** (ex-alunos) Mateus Maia, Luana Gonçalves Barreto; **Centro de Ensino Médio Elefante Branco:** Sissa Akalla

## Conselho Pedagógico

Adriana Saraiva - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Ana Cláudia Jaquette Pereira - Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea); Átila Roque - Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc); Bruno Silva - Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal (Cedeca-DF); Cleomar Manhas - Inesc; Crístian Teófilo da Silva - Universidade de Brasília (UnB); Cristiana Almeida Magela Costa - Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF); Daniel Cara - Campanha Nacional pelo Direito à Educação; Francisca Sena (Instituto Negra do Ceará); Iracema Nascimento - Campanha Nacional pelo Direito à Educação; Isa de Oliveira - Fórum Nacional de Erradicação e Prevenção do Trabalho Infantil (FNPETI); Ivonio Barros - Universidade Livre Feminista; José Antonio Moroni - Inesc; Juliana César Nunes (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do DF); Kaurara Ferreira - (Cfemea); Luciana Leite - (SEDF); Margaret Costa - (SEDF); Patrícia Bonilha (Rede Brasil); Perla Ribeiro - Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (Anced); Vitor Alencar - (Cedeca-DF).

**Assessora responsável:** Márcia Acioli

**Coordenadora editorial:** Renina Valejo (Mtb 38296/SP)

**Coordenadora gráfica:** Lila Rosa Sardinha Ferro

**Editora-assistente:** Carol Monteiro

**Revisão:** Paulo Henrique de Castro

**Diagramação e edição:** Abravádeo

**Impressão:** Teixeira Gráfica e Editora Ltda

**Tiragem:** 12.500

**A revista Descolad@s, 2ª edição, é uma publicação anual, e seu conteúdo é de responsabilidade do Inesc Instituto de Estudos Socioeconômicos**

ISSN: 2237-0331

SCS Qd. 01, Ed. Márcia, 13º Andar - Cobertura

Cep: 70 307 900 - Brasília/DF/Brasil - Fone: (61) 3212- 0200

Fax: (61) 3212 0216 - Email: protocoloinesc@inesc.org.br

site: www.inesc.org.br

## Conselho Diretor

Eva Teresinha Silveira Faleiros, Fernando Oliveira Paulino, Jurema

Pinto Werneck, Luiz Gonzaga de Araújo, Márcia Anita Sprandel.

## Colegiado de Gestão

Átila Roque, Iara Pietricovsky de Oliveira, José Antonio Moroni.

## Assessoria

Alessandra Cardoso, Alexandre Ciconello, Cleomar Manhas, Edécio Vigna, Eliana Magalhães, Lucídio Barbosa, Márcia Acioli, Ricardo Verdum. Assistente de Direção: Ana Paula Soares Felipe.

## Assessoria administrativo-financeira:

Adalberto Vieira dos Santos, Eugênia Christina A. Santana, Isabela Mara dos S. da Silva, Ivone Maria da Silva Melo, Josemar Vieira dos Santos, Maria José de Moraes, Maria Lúcia Jaime, Míria Thereza B. Consiglio, Ricardo Santana da Silva, Rosa Diná G. Ferreira.

**Apoio institucional:** ActionAid, Charles Stewart Mott Foundation, Christian Aid, Climate and Land Use Alliance, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), Department for International Development (DFID), Evangelischer Entwicklungsdienst (EED), Fastenopfer, Fundação Avina, Fundação Banco do Brasil, Ford Foundation, Instituto Heinrich Böll, International Budget, Partnership (IBP), Kindernothilfe (KNH), Norwegian Church Aid, Oxfam, Oxfam Novib, União Européia, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), ONU Mulheres.

## Agradecimentos

Imagens do Povo / Observatório de Favelas RJ

Daniele Rodrigues Ferreira (fotografia)

Kelly Kotlinski Verdade

Rodas de Conversa: Adriana Saraiva (CNPq); Crístian Teófilo (UnB);

Domingos Sávio Camico - Centro Indígena de Estudos e Pesquisa

(Cinop); Eliana Graça (Inesc); Jacson Segundo (Intervozes); Isa de

Oliveira (FNPETI), Patrícia Bonilha (Rede Brasil)

Ivonio Barros (Universidade Livre Feminista)

Todas as imagens publicadas nesta edição foram produzidas pelos/as adolescentes participantes do Projeto Onda, de forma coletiva, em oficinas de Fotografia coordenadas por Lila Rosa, durante os anos de 2010 e 2011, e fazem parte do acervo do Projeto.

## EDITORIAL

*A Revista Descolad@s segunda edição traz para vocês um jeitinho novo de falar de DIREITOS e ORÇAMENTO PÚBLICO, pois é toda escrita por adolescentes e jovens, loucos/as para gritar ao Brasil inteiro nossas revoltas, nossos questionamentos e, principalmente, nossos sonhos: o de um país que cumpra o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que priorize a criança e o/a adolescente e garanta um orçamento público justo. Um Brasil em que todos/as tenham seus direitos garantidos.*

*O ECA completa 21 anos em 2011 e, mais uma vez, vamos comemorar uma lei que foi conquistada com muita luta. Temos a lei, mas não temos sua completa aplicação. Como disse a adolescente paraense Mairã Soares, "mais do que estudar, ler e reler, precisamos sentir o ECA".*

*Para que os direitos sejam garantidos, precisamos ficar de olho no orçamento público. Por isso, a revista traz, em várias matérias, dados que nos fazem "pirar" de tanta indignação. Em 2010, por exemplo, o Governo do Distrito Federal (GDF) gastou em publicidade R\$ 68.415.035,13 (isso mesmo, quase R\$ 70 milhões!). E sabem quanto foi gasto para a construção de creches? Absolutamente nada.*

*Além da desproporcional destinação de recursos, o problema é que o pouco que é destinado para as políticas de defesa e promoção de direitos não é gasto. A saúde e a educação foram deixadas de lado. Com relação à proteção do meio ambiente, o gasto foi irrisório. Por isso, é muito importante que fiquemos sempre atentos/as ao que está sendo feito com o nosso dinheiro.*

*Nós, adolescentes de escolas públicas do DF, escolhemos vários temas que achamos interessante compartilhar com vocês: a primeira relação sexual, o estilo afro, bullying, violência e drogas nas escolas, direitos dos povos indígenas e muito mais.*

*Fizemos uma entrevista com um menino e uma menina que são internos do Caje (Centro de Atendimento Juvenil Especializado). Eles nos contaram como é o seu dia-a-dia e deram um exemplo de superação. Entrevistamos também jovens e médicos com posições diferenciadas sobre a legalização da maconha.*

*A Revista Descolad@s é um grande orgulho para nós, porque fizemos parte de sua construção e aprendemos muito! E o melhor: tivemos a chance de compartilhar todo este aprendizado e de exercer nosso direito à comunicação. Por isso, agradecemos com todo o carinho a equipe da Revista Viração, que foi e sempre será a nossa inspiração.*

*Esta publicação só foi possível graças a parcerias preciosas. Agradecemos à Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), à Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SNPDCA) e ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), que, juntamente com a Kindernothilfe (KNH) e a Fundação Banco do Brasil (FBB), possibilitaram a realização da revista, fruto de um sonho coletivo. Agradecemos também ao Unicef que sempre confiou no nosso trabalho e vem dando visibilidade ao projeto Onda: Adolescentes em Movimento pelos Direitos.*

*Agora é com vocês. Divirtam-se, questionem e juntem-se a nós na construção de um novo país, ou melhor, na construção de um novo mundo.*





## CARTA DOS/AS LEITORES/AS

*Gostei dessa maneira de abordar temas que até então não eram discutidos.*

Lucas, 15 anos, CED 4 Guará

*O mais interessante da revista é o fato dela ser feita por jovens que vivem essa realidade, pois não adianta somente abordar temas polêmicos sem que aqueles que sofrem com isso não sejam escutados.*

Cristiane, 17 anos, CED 4 Guará

*Com a revista, passei a perceber quão importante são nossos direitos.*

Israel, 16 anos, CED 2 Cruzeiro

*Acho que só faltaram partes de entretenimento, como jogos sobre os temas, entre outros, para ficar com um ar mais jovem...*

Angélica, 16 anos, CED 2 Guará

*A única coisa que não gostei foi o fato de alguns temas abordados já serem muito falados, tornando-os chatos.*

Fábio, 16 anos, CED 4 Guará

*Adorei o colorido que vocês conseguiram dar à revista, possibilitando uma atração dos leitores da revista.*

Jéssica, 16 anos, CED 4 Guará

*Escrevo pra parabenizar a todos os realizadores da revista. Além das óbvias qualidades, tanto de linguagem, estéticas e de pertinência temática, o que mais me chamou a atenção foi o potencial do trabalho, dado que a revista, pelo seu próprio processo de feitura, extremamente inclusivo, pode vir a constituir um valioso instrumento de conscientização, ação efetiva e de transformação social.*

Victor Stoimenoff, antropólogo

## SEÇÕES

### 4 DIREITOS EM MOVIMENTO

Os conselheiros tutelares, muitas vezes, não sabem lidar com as peculiaridades da diversidade cultural e tendem a tratar de forma igual o que é diferente.

### PITALATI

### 6 GIRO PELO MUNDO

Pense em um país muito diferente do nosso. Saiba que, por mais distante e culturalmente distinto que ele seja, certamente existem jovens que se importam com os direitos e lutam para garanti-los.

### 8 PUBLICIDADE

POR UM MUNDO SEM PRECONCEITOS

### 9 ARTIGO

### XÔ, BULLYING!

### 10 FALO MERRRMO

porque ninguém aqui é bom para ficar guardando as coisas



### 12 LINK COM O CONGRESSO

PARA NÃO ESQUECER!!!



### 14 CAVANDO

Combinação explosiva

## 18 CONTRASTES

LEGALIZAÇÃO da  
MACONHA:

**N**ÃO  **S**IM

## 22 PONTO DE ENCONTRO

"SEJA A MUDANÇA  
QUE VOCÊ DESEJA  
VER NO MUNDO"

Mahatma Gandhi



## 24 ACABEI O ENSINO MÉDIO. E AGORA?



- a) Faculdade
- b) Concurso público
- c) Mercado de trabalho
- d) NDA

## 27 ENSAIO FOTOGRÁFICO ...SEM PALAVRAS



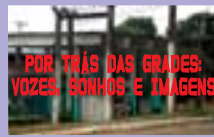
## 30 RISADA



## 31 FALANDO DE POLÍTICA

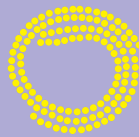
CADÊ NOSSA VOZ NO CONGRESSO?

## 32 ENTREVISTA



Jovens do Caje falam sobre a realidade na unidade de internação e compartilham seus sonhos e aprendizados

## 39 PÉROLAS



"Ninguém ignora tudo,  
ninguém sabe tudo. Por  
isso aprendemos sempre".

Paulo Freire

## 40 MUITO PRAZER

PARA TUDO EXISTE  
A PRIMEIRA E A  
PRÓXIMA VEZ...



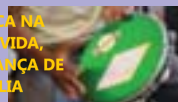
## 42 PROSA E POESIA



Eu queria uma saia longa, bem rodada.  
Feita com a chita mais colorida que houver...

## 44 ALMA DA CIDADE DICAS CULTURAIS

A MÚSICA NA  
MINHA VIDA,  
UMA HERANÇA DE  
FAMÍLIA



## 46 MEIO AMBIENTE

SÃO BARTOLOMEU,  
UM RIO SAGRADO... E AMEAÇADO



## 48 REPORTAGEM EM QUADRINHOS

SOS SAÚDE



## 50 MUDE DE CANAL

A PROCURA DA REINVENÇÃO:  
A JUVENTUDE E SUAS FORMAS  
DE COMUNICAÇÃO



## 52 DIREITOS VIOLADOS DIREITOS CONQUISTADOS

"Criança não trabalha,  
criança dá trabalho..."

Arnaldo Antunes e Paulo Tati

## 54 ESTILO

BELEZA E A DIVERSIDADE DO ESTILO AFRO

## 56 FOTONOVELA



COMO SE COME UM BEIJU  
NO ALTO XINGU

## 58 INTERNACIONAL QUERER É PODER, SIM!

O papel dos jovens na revolução do Egito

## 60 CONVIDADA

LGBT no Brasil, a caminho da cidadania plena!

Kelly Kotlinski Verdade

# PITALATI

Palavra Yawalapíti, da família linguística Aruak, que significa pensamento, reflexão.

Por Gabriella Dias, Luana Barreto e Matheus Maia

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), quando foi concebido, não abordou a questão das crianças e adolescentes indígenas, que foram tratados da mesma forma que os não indígenas. Por causa disso, os conselheiros tutelares, muitas vezes, não sabem lidar com as peculiaridades da diversidade cultural e tendem a tratar de forma igual o que é diferente.

Para tentar corrigir algumas dessas lacunas, houve uma preocupação de garantir os direitos dos povos indígenas no Plano Decenal – proposta de políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes, que deve ser executada nos próximos dez anos. O Plano foi aprovado pelo Conanda (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) no dia 19 de abril deste ano. Depois disso, os ministérios devem incluir suas metas específicas e prever em seus orçamentos as condições para realizá-las.

Confira algumas das metas elaboradas pelos povos indígenas em oficinas coordenadas pelo Cinep (Centro Indígena de Estudos e Pesquisas):

Até 2020, realizar de forma articulada e intersetorial campanhas anuais educativas e informativas sobre a prevenção à discriminação e à violência e sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes indígenas.

Até 2020, incluir a temática de sustentabilidade, considerando os saberes e as tradições indígenas, nos currículos da educação básica e nos programas de formação profissional voltados às crianças e aos adolescentes indígenas.

Que a emissão de registro de nascimento abarque 100% das crianças e dos adolescentes indígenas até 2020.

Reduzir a taxa de mortalidade infantil indígena (de zero a um ano) para 13/1.000 nascidos vivos até 2020.

Ampliar em 50% a oferta dos serviços de atenção integral à saúde de crianças e adolescentes indígenas até 2020.

Os conselhos tutelares devem ser compostos por representantes indígenas em 100% dos municípios onde existem povos indígenas até 2020.

A partir de 2012, disponibilizar, no mínimo, 10% do OCA (Orçamento da Criança e Adolescente) federal para implementação das políticas específicas às crianças e aos adolescentes indígenas contidas no Plano Decenal.

## Constituição Federal

### Art. 231

**São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.**

## Constituição Federal

### Art 231

**§2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.**

## Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

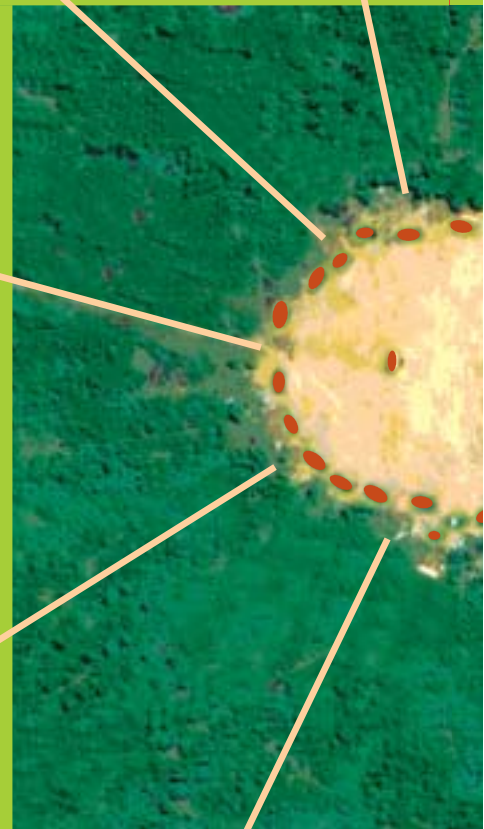
### Artigo 7º

**1. Os povos indígenas e tribais deverão ter o direito de escolher suas próprias prioridades no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, na medida em que ele afete as suas vidas, crenças, instituições e bem-estar espiritual, bem como as terras que ocupam ou utilizam de alguma forma, e de controlar, na medida do possível, o seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural. Além disso, esses povos deverão participar da formulação, aplicação e avaliação dos planos e programas de desenvolvimento nacional e regional suscetíveis de afetá-los diretamente.**

## Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

### Artigo 25

**1. Os governos deverão zelar para que sejam colocados à disposição dos povos indígenas e tribais serviços de saúde adequados ou proporcionar a esses povos os meios que lhes permitam organizar e prestar tais serviços sob a sua própria responsabilidade e controle, a fim de que possam gozar do nível máximo possível de saúde física e mental.**





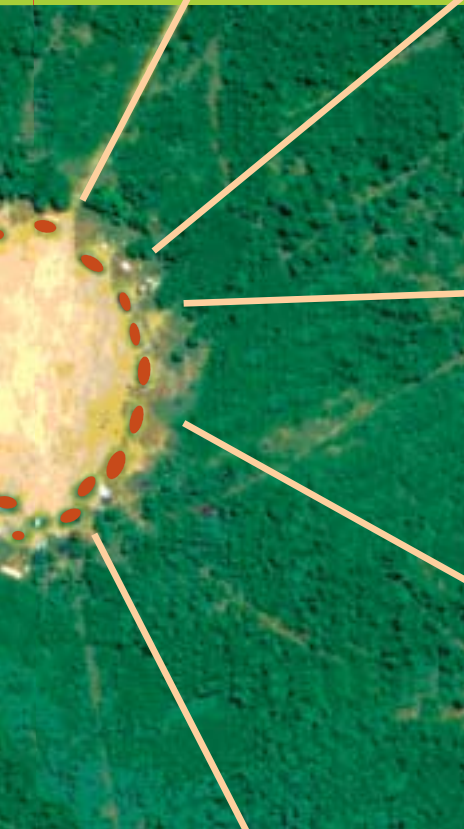


**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB)  
Art. 78**

O Sistema de Ensino de União (...) desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

1º proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências;

2º garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias.



**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB)  
Art. 26-A**

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e culturas indígenas.

**Convenção n° 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)  
Artigo 3º**

1. Os povos indígenas e tribais deverão gozar plenamente dos direitos humanos e liberdades fundamentais sem obstáculos nem discriminação.

**Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**

**Art. 215.** O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

**História viva**

Vários estudos indicam que, no início do século XVI, havia mais de cinco milhões de índios no território que se chamou Brasil. Hoje vivem no país aproximadamente 600 mil índios de mais de 220 etnias, que falam 188 línguas diferentes.

Muitas centenas de grupos étnicos foram dizimadas pelos colonizadores europeus. A escravidão, a catequese, as epidemias e a ocupação de territórios tradicionais foram as causas do declínio drástico de cerca de 1500 povos existentes antes da chegada de Cabral. Muitos deles, porém, resistem até hoje, lutando para protegerem seus territórios e garantirem a sobrevivência de suas comunidades.

Tanta diversidade cultural, com suas formas de explicar e interagir com o mundo, se perdeu com o desaparecimento dos povos, etnias que viviam em todo o continente americano. Em comparação com a

história antes da conquista, são poucas as que têm terra para chamar de sua. Muitas ainda aguardam a demarcação e homologação de seus territórios e existem populações indígenas que vivem à beira de estradas em condições desumanas.

**Reverendo nossos olhares**

Segundo a ONG Vídeo nas Aldeias <sup>1</sup>, os cinco principais preconceitos a respeito dos povos indígenas, são:

**1. O índio genérico**

Muitos acreditam que todos os índios são iguais, que eles possuem a mesma crença, a mesma língua, os mesmos costumes. Mas vivem no Brasil mais de 220 etnias, que falam 188 línguas diferentes, e cada uma dessas etnias com sua própria forma de expressão cultural.

**2. Culturas atrasadas**

Considerar as culturas indígenas como atrasadas é um equívoco, pois os índios possuem um rico conhecimento em literatura, poesia, arte, dança, música, espiritualidade, métodos medicinais, conhecimento da natureza.

**3. Culturas congeladas**

Muitos brasileiros tem a firme convicção de que os índios devem viver apenas em suas aldeias, sem estudar, sem fazer uso de internet, celular. Tais pessoas acreditam que, se eles assim fizerem, deixarão de ser índios. Isso é um grande equívoco. Todas as culturas têm canais de diálogo e trocas. Apenas em condição de dominação as regras são simplesmente impostas.

**4. Os índios fazem parte do passado**

Os índios fazem parte do passado, do presente e do futuro! Os diferentes povos indígenas são parte deste Brasil diverso. A matriz indígena influenciou a cultura brasileira em diversos aspectos: arquitetônico, no vocabulário, no conhecimento de plantas medicinais, na culinária e na arte.

**5. O brasileiro não é índio**

Há 500 anos não existia um povo chamado brasileiro. É um povo novo, formado nos últimos cinco séculos com a contribuição, entre outros, dos povos indígenas. O índio permanece vivo dentro de cada um de nós, mesmo que a gente não saiba disso.

<sup>1</sup> Guia para professores e alunos do kit "Cineastas Indígenas: Um outro olhar"

**Saiba mais e acompanhe o noticiário indígena**

[www.socioambiental.org.br](http://www.socioambiental.org.br) - Povos indígenas do Brasil  
[www.videonasaldeias.org.br](http://www.videonasaldeias.org.br)  
[www.ecodebate.com.br/tag/indigenas/](http://www.ecodebate.com.br/tag/indigenas/)  
[www.tvescola.mec.gov.br/index.php](http://www.tvescola.mec.gov.br/index.php) - Série Índios no Brasil





**Aldo Arce Gurrola**  
(23 anos, México)

“O projeto no qual eu trabalho enfatiza que todo cidadão tem direito à cultura. Não enxergamos a cultura como um luxo, um passatempo, mas uma maneira de participar da sociedade. Realizamos um trabalho com jovens com câncer envolvendo artes plásticas, por exemplo. É uma maneira de não deixá-los alheios à sociedade, de incluí-los socialmente, apesar da doença”.



**Patrick Pavón**  
(Honduras)

“Represento a Associação LGTB (Lésbicas, Gays, Transexuais e Bissexuais) Honduras Arco Íris. A situação em Honduras após o golpe de Estado é muito crítica. O governo atual é de extrema-direita, muito conservador e machista. Como não temos oportunidade de crescer no país, muitos jovens estão imigrando para os Estados Unidos ou para outros países em busca de trabalho, saúde, habitação e de melhores condições para suas famílias. Em Honduras, a maioria dos jovens tem acesso à escola, mas não consegue terminá-la. De cada 100 jovens, apenas um consegue frequentar uma universidade. Sabemos que para o Estado é conveniente que o povo não tenha acesso à informação e à educação; assim, ele não consegue romper com a força do poder que apenas algumas famílias têm lá”.

**Kaptan Jungteerapanich**  
(22 anos, Tailândia)

“Na maior parte dos casos, a educação é solução para muitos problemas. Mas há casos em que a educação pode se tornar um problema, especialmente quando é usada para manobras políticas de governo. Isso pode acontecer quando ela é usada como ferramenta para algum propósito especial, como interesses religiosos. Na Tailândia, temos escolas públicas que vão desde a primeira série até o final do colegial, mas os alunos têm que arcar com alguns custos, como a compra de uniformes. Estou no último ano da universidade e trabalho na Federação de Estudantes da Tailândia, que consiste em mais de trinta grupos de estudantes diferentes ao redor do país. Nós tratamos de assuntos como democracia, representamos a voz dos estudantes e defendemos suas necessidades perante a sociedade. No momento, temos um projeto chamado “Cartas a Amigos”, no qual jovens tailandeses são estimulados a escrever cartas aos prisioneiros políticos da Tailândia, encorajando-os a continuar na luta pelos seus direitos e pela liberdade de expressão. Acreditamos que é importante estimular essa relação entre eles”.



**Alicia Arancibia Salazar**  
(22 anos, Bolívia)

“Eu faço parte de uma organização de jovens que se chama 'Consórcio Boliviano de Juventudes da Casa da Juventude'. Nós trabalhamos em todas as áreas do desenvolvimento humano, sempre focados no desenvolvimento dos jovens e dos adolescentes. Um dos nossos trabalhos é na área de saúde. Começamos agora com o Plano Andino de Prevenção à Gravidez Adolescente. É uma questão muito preocupante, pois quem engravida na adolescência poderá não ter oportunidades de melhorar sua qualidade de vida, acaba estudando menos e tem dificuldades para entrar no mercado de trabalho. A Bolívia vive, no momento, um processo muito forte de mudança da sua Constituição. Neste processo, está sendo construída uma nova lei para a educação. Organizações de juventude estão pedindo para formalizar o ensino e que parte desta educação seja formada por disciplinas que tenham a ver com a nossa realidade. Queremos, por exemplo, ter aulas de educação sexual, meio ambiente, trabalhar a autoestima e não só aprender a somar e subtrair”.



**Lerato Mmutle**  
(25 anos, África do Sul)

“Ser jovem na África do Sul é muito bonito! Nós conversamos sempre sobre nossas possibilidades, nossos sonhos e nossas ambições. Eu me sinto muito bem como jovem africana, mas acho que a Lei de Proteção às Crianças precisa ser melhorada no país. Eu sei disso porque sou voluntária em abrigos que oferecem proteção a crianças que sofreram algum tipo de abuso ou simplesmente não são amadas. Acredito que elas poderiam estar em situações bem melhores, especialmente as mais jovens, mas o sistema judiciário da África do Sul não consegue lidar com esses problemas como deveria. Também trabalho em um projeto chamado 'Escola do Centro da Comunidade'. O objetivo dele é envolver as comunidades nos interesses das escolas em vez de os diretores e professores fazerem tudo sozinhos e depois serem criticados quando as coisas não dão certo. No projeto, trabalhamos com líderes que estão interessados em ajudar as suas comunidades, que se reúnem a cada 15 dias, com os representantes das escolas, e criam laços”.

# GIRO PELO

Por Aline Maia

Pense em um país muito diferente do nosso. Saiba que, por mais distante e culturalmente distinto que ele seja, certamente existem jovens que se importam com os direitos e lutam para garanti-los.

Em novembro de 2010, a Índia sediou a Conferência Internacional sobre Injustiças Sociais, chamada em português de "Caleidoscópio", organizada pela Oxfam. A conferência contou com a participação de 300 jovens de 18 a 26 anos de diversos lugares do mundo. O intuito era interagir e debater o tema com a juventude que atua em diferentes movimentos sociais, organizações de base, grupos comunitários, associações, organizações não-governamentais e redes de articulação com o objetivo de encon-





# MUNDO

trar soluções e alternativas inovadoras para o combate à pobreza, ao sofrimento e às injustiças.

O resultado foi um fantástico encontro que possibilitou a união de ideias criativas e ousadas, de forma que propiciaram uma rica troca de experiências entre os/as jovens e o estabelecimento de parcerias. Os/as jovens mostraram como é importante a mobilização para assegurar a transformação.

A revista Descolad@s esteve presente na conferência e trouxe alguns depoimentos, que revelam diversas maneiras de a juventude lidar com problemas recorrentes em seus países, para contribuir na construção de sociedades mais justas, igualitárias e sustentáveis.



**Stephanie King**  
(25 anos, Austrália)

“Na Austrália, as crianças têm acesso à educação e frequentam escolas públicas. No entanto, ainda assim, há muitas pessoas de classes sociais mais baixas que não têm condições financeiras para pagar uniformes escolares, cadernos e livros, mesmo que seus filhos frequentem escolas públicas. Também sei que, nesses colégios, há crianças e jovens que sofrem bullying, mas, nestes casos, sei que existem lugares apropriados para que eles possam se reunir e conversar a respeito disso. Há professores qualificados e preparados para lidar com o problema. No meu país também existem escolas ‘alternativas’, com ensino flexível. Nelas, por exemplo, os alunos recebem apoio individual e podem escolher seus horários para conversar com os professores. Na minha comunidade, eu participo de um projeto no qual coordeno um grupo de prevenção de doenças e um programa de segurança à comunidade. Trabalhamos para tornar a nossa comunidade mais segura, procurando soluções contra o abuso de álcool e outras drogas. Fazemos campanhas para que as pessoas não bebam e depois dirijam, por exemplo”.



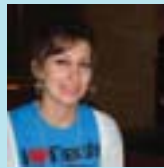
**Sheila Ostroff**  
(23 anos, Estados Unidos)

Eu trabalho em um programa que busca ensinar as crianças de onde vem a comida, a água e as fontes de energia. Geralmente, quando eu pergunto a uma criança de onde vêm essas coisas, elas respondem que vem de lojas de doces, das garrafas... O programa pretende deixá-las mais bem informadas sobre a origem destes recursos, que são essenciais à manutenção do meio ambiente. Uma vez que elas têm a oportunidade de trabalhar com isso em suas próprias comunidades, acabam conquistando o apoio necessário para iniciar campanhas educacionais e ensinando às comunidades o que aprenderam”.



**Mustafa A. Saudi**  
(23 anos, Iraque)

“Eu trabalho na Organização de Saúde do Iraque. Lá nós ajudamos crianças com aids. Eu me tornei voluntário junto com os meus amigos, e nós ainda ajudamos uma anistia que cuida de crianças com problemas mentais. Achamos bem difícil se locomover no Iraque, por causa da falta de segurança. Quando você anda pela cidade, por exemplo, um carro pode explodir em algum lugar. Nem sempre podemos ir aonde queremos ir. Por exemplo: às vezes, precisamos ir trabalhar em alguma região e é difícil chegar até ela, pois sempre há alguém do exército para checar nossos documentos e perguntar para onde estamos indo. Eu acredito que, se as questões de segurança melhorarem, viver no Iraque será bem melhor”.



**Sheelan Farouk Karim**  
(23 anos, Iraque)

“Eu acho bem difícil viver no Iraque, pois não posso ir a vários lugares sozinha por causa da falta de segurança. Sofro também com restrições na faculdade, onde eu não posso me vestir do jeito de que eu gosto. Aqui, há algumas regras que são impostas [isso acontece por causa da dominação da religião islâmica do segmento xiita no país, que é mais extremista e conservador do que o sunita]. Há sempre conflitos e censura. Mesmo quando visto uma roupa que acho apropriada, me sinto reprimida porque não me encaixo na religião seguida pela maioria no país. Também sinto dificuldade de me envolver em atividades sociais fora da faculdade, porque é complicado entrar em certos lugares no Iraque quando se é garota, por exemplo”.



**Nomcazululo Lucracia Ncube**  
(24 anos, Zimbábue)

“Desde que o Zimbábue conquistou sua independência, em 1980, muito tem sido feito para que a educação seja melhor. O governo, por exemplo, construiu várias escolas em áreas atingidas pelo conflito dessa época. Cada escola construída tem 20km de distância uma da outra, o que é uma grande conquista. No entanto, a qualidade da educação é que precisa ser questionada, especialmente nos últimos dez anos. Passamos por uma crise econômica, que fez com que a qualidade da educação fosse claramente afetada. Há crianças que nunca tiveram um caderno para estudar. Também passamos a sofrer com a influência dos brancos, que nos ‘ensinaram’ a deixar o nosso país e ir para outro”.



**José Humberto Paez Fernandes**  
(19 anos, Costa Rica)

“Eu trabalho em uma organização chamada “Cascuda”, que lida com questões do meio ambiente e da sociedade na Costa Rica. Ser jovem no meu país é muito bom porque temos liberdade para participar de projetos, trabalhar como voluntários e ajudar as pessoas. Mas temos um problema: até existem boas oportunidades de estudo, mas elas ainda são para poucos”.





POR UM MUNDO SEM PRECONCEITOS



*“O que vocês estão fazendo? Por que estão batendo nele?”*, gritava João aos colegas que agrediam fisicamente seu amigo Raimundo, que fora atacado por ser homossexual.

A agressão a Raimundo foi a gota d'água numa história que já se desenrolava fazia tempo e que era de conhecimento de todos/as. Raimundo era alvo frequente de brincadeiras de mau gosto feitas por colegas, até que as provocações evoluíram para a violência física. Depois disso, o diretor decidiu expulsar os agressores da escola.

Assim como Raimundo, três em cada dez adolescentes brasileiros/as sofrem ou sofreram bullying, termo que vem do inglês (bully: “valentão”). Trata-se de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou um grupo, com o objetivo de intimidar ou agredir outros, por meio de humilhações, gozações e ofensas.

Muitas vezes, o agressor ou a agressora também é ou já foi vítima de violência moral e/ou física dentro de casa ou em outras turmas. Quem sofre bullying pode apresentar sequelas físicas e emocionais, entre outras graves consequências. Isso pode provocar o abandono da escola, depressão, problemas de relacionamento, e até casos de suicídio.

O bullying que mais vemos na escola é o praticado contra homossexuais, negros/as, crianças e adolescentes gordos/as... Além disso, esta espécie de assédio moral e físico pode acometer gente de todo tipo, de qualquer lugar. Até o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, já foi ofendido várias vezes quando era mais jovem por ser negro. No Brasil, a deputada federal Benedita da Silva contou que, “sendo menina negra, pobre e moradora de favela, [eu] estava sumindo na escuridão de minha pele e não percebia perspectivas para o meu futuro”. Ela explicou ainda que precisou de muita coragem para reverter a violência que recaía sobre ela na escola, durante a sua infância.

Na sua opinião, leitor/a, a atitude do diretor de expulsar os agressores vai impedir que isso aconteça novamente? Lógico que não. Essa atitude de julgar aquele/a que pratica bullying e não compreender o contexto não contribui para a reeducação de quem agride. Em vez disso, é necessário enfrentar o preconceito, tentar entender os porquês e dialogar sobre suas consequências num debate

no qual o jovem esteja em primeiro plano. É preciso também romper o ciclo de violência que contagia o grupo, a influência que um tem sobre outro. Há diversas formas de se fazer isso: por meio de palestras, cartilhas educativas, reuniões, conversas e, lógico, mobilizando crianças, adolescentes e jovens, pois, sem a nossa participação, o Estado não tem como compreender o que se passa nos corredores escolares.

João, por exemplo, organizou um protesto no colégio e chamou o diretor para conversar. “O senhor acha que, com a expulsão dos agressores, eles não vão continuar com isso?”, questionou. Mas o diretor ficou sem reação e não soltou uma só palavra. Ele ignorou o protesto de João. E, por defender o amigo, João também foi alvo de piadinhas de mau gosto feitas por uma turminha. Mas isso já não tinha tanta importância, porque faz um bem enorme colocar para fora toda a indignação contra um ato tão cruel, covarde... A coragem de falar sobre isso, e não fingir que é uma coisa natural, é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa.

A verdade é que o bullying não é fruto de pessoas que se estranham com as diferenças. Este assédio é produzido por uma sociedade racista, homofóbica, machista, extremamente intolerante, preconceituosa e violenta. Isso é aprendido em casa – por intermédio dos familiares, dos meios de comunicação, da cultura, etc. – e também na escola. Todos eles são espaços essenciais para conscientizar crianças e adolescentes sobre as diferenças que compõem a humanidade. Diferentes, porém unidos em prol do bem comum, todos/as nós somos peças fundamentais para eliminar o bullying e o preconceito de uma vez por todas de nossas vidas.

**Campanha contra o bullying**

O apresentador de TV Serginho Groisman está engajado na mobilização contra o bullying depois de se comover com depoimentos de jovens que são ou já foram vítimas deste tipo de comportamento. Com a campanha “Bullying: A hora de falar é agora. Fale você também”, ele tenta buscar meios e fornecer subsídios para a formulação de políticas a fim de romper o ciclo de violência física e moral presente em escolas de todo o Brasil.

<b>de 01/01 ao 31/12/2011</b>			
Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
08.244.1462.6352.8650 Serviço especializado de proteção à pessoa em situação de violência - atendimento de pessoas vítimas de discriminação em decorrência de orientação sexual e/ou religiosa.	11.881,00	240.000,00	11.881,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido 2011. Valores em R\$1,00.



# FALTO

O que o Brasil precisa é de jovens bem educad@s, pront@s para ajudar o país com sabedoria, e não apenas com futebol!

Não estamos tendo Lander! No ano passado, só tinha MACÃ e BANANA e, agora, só tem Biscoito!

Aline, 15 anos, Cean,  
Brasília

Wendy Adriana, 16 anos  
Brasília

A FÁCIL-EMPRESA DO PASSE ESTUDANTIL-DEVERIA SER TROCADA PELO NOME "DIFÍCIL", POIS É UMA BUROCRACIA ENORME PARA OS/AS ALUNOS/AS CONSEGUIREM SEUS DIREITOS.

Anne Nogueira, 15 anos  
Paranoá

VOCÊ PENSA QUE O ÔNIBUS É RUIM DURANTE A SEMANA, MAS CHEGA O FIM DE SEMANA É O CAOS, SE SUPERA!

Guilherme, 20 anos  
Sudoeste

Por que a homofobia ainda não é crime?

Mateus, 18 anos  
Planaltina



# MERRRRRRRMO!!!

porque ninguém aqui é bau para ficar guardando as coisas

O TRANSPORTE PÚBLICO ESTÁ CADA VEZ PIOR. O ÔNIBUS NÃO PASSA NA HORA E, QUANDO PASSA, GERALMENTE QUEBRA.

Leiliane, 16 anos  
Paranoá

A FALTA DE ÔNIBUS É PREJUDICIAL A TODOS, NINGUEM MERECE!

Isabela Souza, 15 anos  
São Sebastião

ESTAMOS QUASE NO MEIO DO ANO E A FORMA DA CARTEIRA COMEÇOU AGORA. ISSO ERA PRA ACORTECER NAS FÉRIAS E NÃO EM MEIO DE AULA!

Juliana, 15 anos

A SEGURANÇA PÚBLICA TÁ UMA ME#\*#! VEJO GENTE ASSALTADA O TEMPO TODO.

Ettore Scollender, 15 anos  
Brasília

SHOPPING DE 'POBRE' NÃO TEM BANCO PRA SENTAR, QUE É PRA NÃO SERVIR DE ÁREA DE LAZER PRA QUEM NÃO VAI COMPRAR...

Irlana, 16 anos  
Brasília

AIRTON PLÍNIO, 16 ANOS  
BRASÍLIA

A CIDADE DO PARANOÁ É TOTALMENTE DESNIVELADA. ISSO DIFICULTA MUITO A LOCOMOÇÃO DOS CADEIRANTES.

Leiliane, 16 anos  
Paranoá

No CED 2 do Cruzeiro, ficamos dois meses sem aula de física. Um absurdo!

Israel, 16 anos, Estrutural

SE JÁ EXISTE UM 'BOM' POLÍCIAMENTO, POR QUE AINDA NÃO ME SINTO SEGURO?

Lucas Daniel, 15 anos  
Paranoá

NÃO TEM SANBAMENTO BÁSICO EM MUITAS CIDADES DO DF E ENTORNO. NÃO TEM MUITO TRANSPORTE PARA LUGARES MAIS DISTANTES E A PASSAGEM É MUITO CARA!

Gabriella, 15 anos  
Sobradinho

Kaio, 16 anos  
Ceilândia



## PARA NÃO ESQUECER!!!

Por Isabel Kelly Amorim



– Eita!!! E agora?

– Calma, eu tenho um plano!!

Mas... Quando é preciso se ter um plano? Quando alguma coisa – ou tudo – deu errado, antes de começar algo você quer que dê certo, quando é preciso pensar profundamente sobre um assunto e achar meios para solucionar ou, ao menos, suavizar seus problemas.

E o Plano Nacional de Educação? Bem, antes de pensar no plano, é preciso pensar nas coisas que ele pretende resolver. Analisando a educação nacional, encontramos uma série de problemas, e os mais emergentes são: o analfabetismo, a escassez de escolas de ensino básico (creches), o sucateamento do ensino médio – cada vez mais mínimo – e a falta de investimento em todos os segmentos da educação.

Esse quadro não é novo; porém, pessoas de todo o país – parlamentares, estudantes, profissionais da educação e a sociedade civil – pensaram em propostas para resolver essas questões.

O resultado disso é o Plano Nacional de Educação (PNE) 2011/2020 (PL 8035/2010). O plano é um projeto de lei que foi entregue ao Congresso pelo então presidente Lula no final do ano passado e, após ser aprovado na Câmara e no Senado, irá reger a educação desde o ensino infantil até a pós-graduação pelos próximos dez anos.

O plano proposto pelo governo, porém, não contempla o que a sociedade civil defende. As entidades que integram a Campanha Nacional pelo Direito à Educação elaboraram 101 emendas ao projeto do governo. Ao final, o PNE recebeu mais de duas mil propostas de emenda.

As sugestões têm como objetivos promover a equidade entre as diferentes regiões do Brasil (bem como entre as populações negras, indígenas e brancas), garantir a educação inclusiva e não discriminatória, defender mais recursos para educação, além de enfrentar antigos desafios históricos, como o analfabetismo.

### Se orçamento é preciso, que se faça precisar

A principal ferramenta para que tudo dê certo em uma sociedade capitalista (como a nossa) é o dinheiro. E para que todas as metas do PNE se realizem é preciso ter orçamento. E se é preciso, que se faça precisar. Afinal, é para ter uma educação de qualidade para tod@s que a população paga impostos

Um ponto fundamental defendido pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação é o que se refere ao financiamento do setor. O PNE que nós queremos exige nada menos do que 10% do PIB (Produto Interno Bruto, o total de riquezas produzido pelo país), até 2020.



O dinheiro deverá ser investido para que as escolas sejam bem equipadas; para que os/as professores/as tenham formação continuada, salários dignos e compatíveis com suas responsabilidades; para que existam recursos pedagógicos necessários para o atendimento exemplar das pessoas com todo e qualquer tipo de deficiência, para que o ambiente escolar seja suprido de materiais didáticos e que seu espaço seja agradável. Isto é direito!

Segundo a proposta do governo, a meta é “ampliar progressivamente o investimento público em educação até atingir, no mínimo, o patamar de 7% do Produto Interno Bruto (PIB) do país”. No entanto, ainda achamos pouco. Não queremos o mínimo, mas o máximo que se pode dedicar para garantir educação de qualidade para todos/as.

As metas que desejamos não são modestas, as que o governo propõe são tímidas. Educação é uma área estratégica para mudar o panorama social e econômico do país. Uma educação de qualidade assegura oportunidades igualitárias que podem diminuir as tão alarmantes desigualdades sociais do país.



### Um plano atinge todos os Brasis?

Tudo parece tão distante quando se fala em "educação nacional"... Nosso país é um mosaico muito diversificado de costumes, culturas, particularidades climáticas, geográficas e históricas. Será possível fazer



um plano que sirva para todos os Brasis ao mesmo tempo? Sim, quando na base do plano está a individualidade de cada segmento nacional. E este é um dos desafios do PNE: respeitar e valorizar as diversidades do país.



### As diferenças entre o antigo e o novo PNE

Segundo o cientista político Daniel Cara, coordenador geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, o PNE para a próxima década tem pelo menos duas diferenças essenciais em relação ao anterior.

“A primeira é que o PNE 2001-2010 foi aprovado em um acirrado processo de disputas entre o governo FHC e os setores da sociedade dedicados às lutas pelo direito à educação. Dois projetos do PNE disputaram os votos do Congresso Nacional. Ganhou o do governo FHC. Contudo, mesmo sendo tímido, recebeu vetos graves, especialmente quanto ao financiamento. Sem recursos, o plano não conseguiu vingar. O projeto do PNE 2011-2020 começa melhor, com um acordo social previamente estabelecido pela Conferência Nacional de Educação, mas, ainda assim, tivemos que acrescentar **101 emendas ao plano**”



A segunda diferença é que o PNE 2011-2020 irá ter um conjunto reduzido de metas. Das 295 da versão anterior, o número caiu para 20. E o especialista faz um alerta: “O PNE 2001-2010 não deixou de ser cumprido pelo excesso de metas. Seu descumprimento se deve, fundamentalmente, ao descaso dos governos com a educação e, por consequência, com o próprio plano”.

Para este plano ser bem executado, é preciso que todos/as nós fiquemos atentos para cobrar o cumprimento integral das metas ao longo dos anos e não somente em 2020.



### Educação integral de verdade

O ano passado (2010) foi ano eleitoral, e uma das propostas que mais apareceu nas falas de candidatos/as a diversos cargos, inclusive aqueles/as que ganharam as eleições, foi relativa à educação integral. Ela é uma proposta importantíssima e, por isso, deve ser bem estruturada. “Para ser integral, a educação não pode ser esta que encontramos hoje em nossas escolas públicas; se for, não é educação, é castigo para as crianças e para os jovens. Educação integral não pode servir como uma estratégia ocupacionista das crianças e dos jovens, buscando afastá-los da marginalidade. Esse cunho moralista é equivocado e antieducativo”, avalia Daniel Cara.

É fácil dizer que educação é prioridade. Não há um/a candidato/a a qualquer coisa que não tenha a educação como bandeira, mas esta prioridade só é percebida quando há determinação política e orçamento adequado.

O que queremos é uma educação pública que forme pessoas que se vejam como cidadãos, indivíduos críticos e sensíveis que irão modificar positivamente as estruturas sociais brasileiras.

Sim, nós temos um plano. E vamos ficar de olho! Acompanhe no site da Câmara Federal ([www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br)) o Projeto de Lei 8035/2010 e vamos à luta pela educação de qualidade!!!



# Combinação explosiva

A violência e as drogas continuam muito presentes nas escolas, embora o governo diga que a situação está melhor. A Revista Descolad@s tenta entender o que está por trás disso

Por Irlana Peixoto, Leiliane Vieira e Lucas Daniel R. de Souza



Em 2011, no Centro Educacional 4 do Guará, um grupo de alunos/as atirou bombinhas nas lixeiras e quebrou janelas a pedradas. Os policiais foram chamados e agredidos por esses estudantes, que ainda quebraram o vidro do carro de um dos professores. Os 26 alunos, de 12 a 18 anos, foram identificados e transferidos de escola. Tentamos encontrar na mídia a versão dos adolescentes, mas não conseguimos nada... Estranho...

Já em 2010, durante o intervalo de uma escola de ensino fundamental de Santa Maria, alunos presenciaram uma cena de agressão: estudantes do 9º ano ergueram um menino do 6º ano pelos pés, pelas mãos e pelos braços e passearam com ele pelo pátio do colégio. A agressão só acabou quando um funcionário interveio.

No mesmo ano, outra escola serviu de cenário para uma cena espantosa. Em uma discussão nas proximidades do Caseb, colégio localizado na Asa Sul, em Brasília, um jovem de 15 anos foi espancado por oito adolescentes, sendo que pelo menos cinco deles eram estudantes da mesma instituição de ensino. A vítima foi agredida com pedras e pedaços de madeira.

Casos como os relatados não faltam. Em 2008, o professor Valério Mariano dos Santos foi agredido com chutes e socos por um antigo estudante do Centro de Ensino Fundamental 4 de Ceilândia Sul.

Sabemos que as escolas são espaços de interação nos quais os/as alunos/as vivenciam um momento pessoal, social e sexual bastante complexo e importante de suas vidas. É comum que muitos se dividam em grupinhos. Alguns adolescentes são mais quietos, outros mais agitados...

Porém, devido à ação violenta de uma minoria desses grupos, alguns passam a ser chamados de gangues. Mas... peraí! Por que nós, alunos/as, estamos analisando tudo isso? Talvez seja porque os/as educadores/as, que são as pessoas que deveriam se preocupar com o assunto, não tratam muito bem da questão e, muitas vezes, até são grandes vítimas também desse problema tristemente tão comum em várias cidades do país e do mundo.

## Questões tolas podem detonar conflitos

Quando se fala de gangues, é de extrema importância dialogar sobre o tema, conversar e tentar compreender as lógicas que unem adolescentes em torno de atos de transgressão. Ao contrário do que muitos pensam, a violência não está somente vinculada ao uso e ao tráfico de drogas nas escolas. Medidas de força, marcação de território ou disputas por namoradas ou namorados podem ser consideradas questões tolas para quem olha de fora, mas muitas vezes são detonadoras de processos agressivos. O que essas questões significam para quem está no centro do conflito?

Procuramos pessoas que entendem do assunto e descobrimos que existem

políticas públicas voltadas à questão da violência e ao uso de drogas nas escolas, pelo menos na teoria. Na prática, sabemos que alunos apanham, são furtados e voltam para casa como se isso fosse normal, pois os jovens estão acostumados a essa realidade. Afinal, isso infelizmente faz parte da rotina deles.

### **A relação entre as drogas e a violência não é direta”**

A titular da Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), Paulina Duarte, afirma que existe uma relação entre as drogas e a violência nas escolas, mas que ela não é direta. “Esse tema [drogas] é transversal e, embora não haja uma causa direta em relação à violência, não há dúvida de que ele pode, sim, estar associado, seja por crianças, adolescentes e adultos, seja como autores ou vítimas de situação violenta”.

A secretária explica que o trabalho da Senad não é de combate às drogas, mas de políticas sobre drogas. “Na escola, especialmente, nós trabalhamos com políticas de prevenção voltadas à capacitação dos educadores para lidar com o tema em dois aspectos: o primeiro, falar sobre o tema droga; e o segundo, trabalhar em situações em que já se identifique o uso de drogas”.

Segundo a secretária, o governo está fazendo um grande esforço de capacitação dos/as educadores/as para que possam lidar de forma adequada com alunos/as que usam drogas, juntamente com a rede de serviços que existe na comunidade. “Uma questão importante a ser tratada também, com a qual nós temos que tomar cuidado, é com o início do consumo, especialmente de drogas lícitas como o álcool, o tabaco e os medicamentos”, alertou.

De acordo com os dados da última pesquisa da Senad, houve uma diminuição de 50% no consumo de drogas entre estudantes do ensino fundamental e do ensino médio em escolas públicas e privadas brasileiras.

### **Desafios para a escola**

No CEF 104 Norte do Plano Piloto, o uso de drogas começa cedo, desde a 5ª série, por alunos que têm, em média, 10 e 11 anos. O diretor, Marcus Vianna, nos dá uma noção de como eles descobrem o uso ou tráfico de drogas. “Sabemos de boatos de alunos que entregam drogas aos outros, deixando os entorpecentes nas janelas dos banheiros ou em locais combinados. Pegamos alunos bêbados e fumando”. Ao ser questionado sobre como a escola reage a isso, ele afirma: “Não podemos revistar ou constranger a criança, mesmo se tivermos a certeza do porte ou uso. O que fazemos é ministrar palestras. Fazemos o que a lei permite. A função da escola é informar e orientar”.

Entrevistamos um professor que disse estar acostumado a dar aulas sentindo cheiro de maconha no ar, por causa de alunos que fumam no andar de baixo. Para ele, cabe ao professor fazer algo. “Devemos conversar, conscientizar e levar o caso aos outros professores na coordenação. Precisamos falar sobre os males que o consumo de drogas faz ao corpo humano e do ponto de vista econômico também, porque o usuário gasta [muitas vezes o que não tem] com coisas sem benefícios”, resumiu.

Segundo a secretária de Educação do DF, Regina Vinhaes Gracindo, o governo distrital vem desenvolvendo ações numa “perspectiva ampla de saúde e proteção integral de estudantes”. Regina Vinhaes destaca a realização de palestras sobre o uso indevido de drogas e a participação da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) no Conselho de Política sobre Drogas do Distrito Federal (Conen) e no Comitê Gestor Interinstitucional de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas. “Além disso, a SEDF pretende fortalecer o Programa Escola Aberta, com o intuito de inserir a população em vulnerabilidade nas atividades realizadas aos finais de semana, bem como desenvolver projetos específicos de prevenção ao uso de drogas, com foco nas séries iniciais e na educação de jovens e adultos”, afirmou.







### Bullying: termo novo, problema antigo

Um tema bastante comentado atualmente é a prática do “bullying”. O termo é recente, mas o bullying sempre aconteceu e sabe-se lá desde quando está presente na nossa sociedade. Mas parece que só agora se tem feito algo para resolver essa questão. Uma pesquisa feita com 10 mil alunos e 1.300 professores de Brasília aponta que 69% dos estudantes e 71% dos professores já presenciaram violência física dentro da escola e que 15% dos alunos e 7% dos professores disseram ter sido vítimas dessa violência. Os maiores alvos dessas agressões são os alunos mais inteligentes, aqueles também conhecidos como “CDFs” ou nerds.

De olho nisso, uma escola de Brazlândia conseguiu acabar com a violência no seu dia-a-dia e alcançou ótimos resultados. A diretoria e os professores dessa instituição produziram um bom projeto pedagógico (olha aí a ideia virando realidade de uma forma eficaz, porque isso não é impossível!) e, juntos, conquistaram o posto de segunda melhor escola em rendimento no Distrito Federal.

### Quando a educação entra em cena

Em São Sebastião, o projeto disciplinar com participação dos/as alunos/as faz a diferença. É o que conta a diretora do Colégio São Francisco, Leisa Sasso. “O conselho de classe é participativo. Todo mundo fala, não é só o representante. É um momento em que se reúnem todos os professores e toda a turma. Os alunos apresentam críticas e sugestões a cada professor, os alunos adoram e eles mesmos fazem uma avaliação da turma. O aluno tem escolha, tem voz”.

Leisa conta que a escola é nova – tem apenas quatro anos – e, desde o começo, recebeu um grande número de alunos “problemáticos” ou com mau desempenho. “A gente tinha muitos meninos envolvidos com gangues. Já encontramos arma dentro da escola. Nós tínhamos um problema bem forte relacionado à violência. E o que fizemos? Estabelecemos parcerias e propomos muitas atividades extracurriculares para os alunos”.

Segundo a diretora, havia uma prática preocupante de bullying e inimizade entre “tribos”. Então, a escola criou um projeto de mediação de conflitos, com participação dos próprios alunos, dos professores e da direção. Num primeiro momento, os alunos envolvidos em conflitos conversam com a direção, que os encaminha para a sala de mediação. “Eles podem ser advertidos, podem ser suspensos, se houver uma agressão física, mas a punição aqui é fazer um curso de mediador. Todo mundo que briga, todo mundo que tem problema vai ter que vir até aqui nos sábados para fazer o curso e aprender a lidar melhor com as suas emoções”. O curso é dado pelos alunos da escola, por estudantes da UnB e por uma advogada do Instituto Pró-Mediação.

Para a diretora, o fato de que os/as alunos/as atuem como mediadores/as contribui para que todos entendam que a melhor forma de resolver qualquer problema é o diálogo. “Na mediação, você vai falar quais são os seus problemas, se você se sentiu injustiçado. É uma mesa-redonda com espaço para você conversar e esgotar verbalmente o problema. E é muito mais fácil vocês se abrirem com um colega da mesma idade, que tem a mesma linguagem de vocês, do que com a diretora ou a orientadora educacional”.

### de olho no orçamento

Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
14.422.0100.2616.0005 Manutenção e funcionamento do Conselho Antidrogas no Distrito Federal - CONEN	0,00	295.400,00	0,00
06.181.2600.2318.9506 (ep) Apóio ao PROERD - Programa Educacional de Prevenção às Drogas	32.668,00	150.000,00	32.664,00

A escola também participa do Programa Escola Aberta. Segundo a diretora, aos sábados a escola promove o projeto de circo, dança, reforço escolar, bordado, moda, estilo, sempre aberta à comunidade. “Esta escola funciona das 7h da manhã às 2h da madrugada, fica aberta direto. A gente nunca teve um roubo. Depois das 23h, a escola promove o esporte à meia-noite: os meninos ficam aí jogando futebol, xadrez, totó, pingue-pongue...”.

### O que pensam os/as estudantes?

Para muitos/as adolescentes, a mídia é um dos fatores que induzem os jovens a um comportamento preconceituoso e agressivo. Muitas coisas que deveriam ser passadas com mais sensatez e responsabilidade são distorcidas, estimulando a concorrência e a intolerância, seja em campanhas publicitárias, programas de auditório, humorísticos ou em “reportagens”.

Quando se retrata a violência nas escolas, muitas matérias mostram o adolescente como delinquente ou vândalo, sem ir mais a fundo no problema. E há ainda a violência gratuita em filmes, seriados e novelas. Tudo é colocado de um jeito que faz a violência parecer uma coisa normal!

Em uma roda de conversa do Inesc com alunos/as do CED 4 do Guará e do Cean, em 2008, os/as adolescentes apontaram várias causas para a violência que continuam completamente atuais. Alunas do Guará afirmaram que uma das causas é que, diante da diminuição de profissionais da educação no ensino médio, o papel da escola como lugar de educação integral vem diminuindo. “A gente tinha acompanhamento psicopedagógico, gente para conversar, mas depois que a escola ficou um bom tempo sem orientadora pedagógica, foi a época mais complicada”. Vários/as adolescentes apontaram a necessidade de mais profissionais de educação, considerando que eles/as são importantes para ajudar a mediar conflitos.

Outro aluno acredita que quem pratica violência tem problema de autoestima, de identidade, acha que nunca vai conseguir “ser alguém”. “Se a pessoa não se vê em outro lugar de poder, ela vai buscar esse poder mediante a força”.

O grupo também mencionou a falta de acompanhamento dos pais depois que os/as filhos/as passam para a 8ª série. Um menino criticou a falta de segurança nas escolas: “Quando acontece alguma coisa, demora muito tempo para chegar ajuda”.

Raíssa Sampaio, na época com 17 anos, resumiu: “A arma é símbolo de poder. Existe a perda de profissionais e é preciso trabalhar a intolerância. A interação da escola com a comunidade pode fazer a diferença. Uma solução pode ser incentivar projetos culturais e artísticos nas escolas”.

A educação no País ainda tem muitos problemas, e todos podem ser resolvidos. O problema da presença de drogas e da violência é um deles. Porém, para que soluções de verdade sejam encontradas, o governo nas três esferas de gestão (federal, estadual e municipal) não pode parar de olhar para as principais necessidades de crianças, adolescentes e jovens do Brasil. Todos eles e todos nós precisamos ser ouvidos para que as autoridades entendam a realidade dos jovens. Só assim será possível botar em prática ações que realmente trarão soluções e uma vida mais tranquila e saudável para os/as alunos/as brasileiros/as.

Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
08.244.2418.6004.0001 Oficinas culturais e prevenção as drogas	204.614,00	253.200,00	0,00
08.244.2418.2179.3694 Assistência aos dependentes químicos do distrito federal	49.750,00	42.200,00	0,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.





# LEGALIZAÇÃO DA

A equipe da Revista Descolad@s entrevistou dois militantes de movimentos da juventude que têm posições diferentes sobre a legalização da maconha. Também ouviu dois médicos com opiniões distintas sobre o uso terapêutico da substância. Confira os argumentos e tire suas próprias conclusões.



Marcius Siddharta

Membro do Conselho Nacional da Juventude Revolução, integrante da Seção Brasileira da Internacional Revolucionária da Juventude (IRJ).

## NÃO

**Descolad@s:** Por que você é contra a legalização da maconha?

Esta é uma discussão bastante complexa. Não é pelo aspecto moral de dizer o que é certo e o que é errado, nem pelo aspecto religioso. A gente defende uma perspectiva da luta de classes, em que qualquer tipo de obstáculo para a organização dos jovens é prejudicial. Um dos mecanismos que o imperialismo utiliza para atacar a juventude é o tráfico. E é na periferia brasileira que os jovens sofrem por vender drogas, tanto nas mãos dos traficantes como da polícia. A gente é contra a repressão policial. Se vai combater as drogas, primeiro tem que checar as contas de quem está financiando. Além disso, é comum ver nas escolas alguém vendendo drogas dentro dos banheiros. Isso acaba dopando e alienando a juventude, impedindo que ela se organize. Há experiências de partidos que acabaram sendo desagregados por completo, como, por exemplo, os Panteras Negras, nos EUA, e as Farc, na Colômbia, que eram organizações que reivindicavam os direitos civis, mas que acabaram perdendo o viés político e social e fracassaram no combate contra o sistema capitalista por causa do envolvimento com o tráfico de drogas.

**Quais seriam os impactos da legalização no Brasil?**

É uma proposta que não legalizaria todas as drogas, mas só a maconha. Ou seja, o tráfico iria continuar existindo com as drogas mais pesadas, como o crack e as drogas sintéticas. E o que vai mudar? O consumo da maconha vai aumentar, pois, sendo legal, mais pessoas vão ficar curiosas e querer experimentar. Na prática, vai beneficiar aqueles jovens que só querem consumir sem ser

incomodados pela polícia. Se olharmos as experiências de legalização de drogas em outros países, como na Suíça e na Holanda, foram fracassadas, pois o índice de criminalidade e o consumo aumentaram e as forças produtivas diminuíram.

**Você acha então que, caso a maconha seja legalizada, isso irá contribuir para que a juventude se mobilize menos?**

Sim, também. O jovem de hoje pensa assim: “Já que minha educação não está boa e eu não tenho emprego, pelo menos eu vou fumar um cigarro de maconha, curtir a vida”. Muitos jovens entram nessa onda. Alguns começam a usar drogas mais pesadas e isso faz com que eles tenham menos força para se organizar para tentar mudar a realidade social em que vivem.

**Como é que você vê a reação do Estado, tanto do Poder Judiciário quanto do aparato policial, na repressão das marchas a favor da legalização?**

Acredito que todo tipo de manifestação é legítimo e necessário, até porque isso está previsto na Constituição como um direito de todos. Toda essa truculência da polícia, na verdade, acaba atrapalhando a discussão.

**Você gostaria de falar sobre mais alguma coisa que não foi abordada aqui e considera importante?**

Há um verdadeiro genocídio da juventude, principalmente nas periferias. Muitos jovens, por exemplo, não têm a perspectiva de um emprego bom e acabam achando que o tráfico vai ser uma saída para eles. Esses jovens não passam dos 20 anos, porque acabam sendo eliminados ou entre eles ou pela própria polícia. Então, é nas periferias que a droga acaba tendo um papel cada vez mais destrutivo, desagregador, que impede os jovens de ter direito a um futuro. Todos os direitos lhes são negados, e isso faz com que eles acabem vendo nas drogas uma saída, uma alternativa, que, na verdade, é uma alternativa falsa, pois não resolve o problema.

# MACONHA: sim ou não?

**S**im



Renato Cinco

Um dos organizadores da chamada Marcha da Maconha no Rio de Janeiro.

**Descolad@s:** Por que você é a favor da legalização da maconha?

Renato Cinco: Sou a favor porque acredito que a tentativa de proibir a maconha traz mais prejuízos para a sociedade do que o uso. A tentativa de proibir não impede as pessoas de usarem ou venderem. Além disso, a proibição

provoca mais violência e corrupção. Hoje, um dos principais fatores de corrupção das autoridades públicas é o tráfico de drogas, devido às propinas para permitir que esse mercado exista. Acho também que a proibição é prejudicial à saúde dos usuários, pois, como o Estado não consegue impedir efetivamente a comercialização, a maconha consumida no Brasil não tem regulamentação de produção e, por isso, é de péssima qualidade.

**Quais seriam os impactos da legalização no Brasil?**

Primeiramente, acho que o País irá economizar muito do que é gasto com repressão, com armamento e com vagas no sistema penitenciário, por exemplo. Hoje, um dos fatores de lotação exagerada nos presídios é a quantidade de jovens que estão ali condenados apenas porque venderam uma substância para uma pessoa que queria comprar. O segundo impacto é o aumento da arrecadação do Estado, já que, por ser ilegal, a comercialização de maconha não paga impostos. Com a economia e a arrecadação, o poder público poderia utilizar esse dinheiro para financiar políticas e ações que realmente serão positivas para a sociedade, para a redução de danos à saúde do usuário, tratamento de dependentes e campanhas de prevenção.

**E o que você acha da criminalização do usuário?**

Hoje, a situação do usuário é delicada. O usuário que não pode pagar um advogado vai para a cadeia e é tratado como traficante. A defensoria pública, que é quem deveria defendê-lo, não está preparada para fazer isso direito.

**Você acredita que a legalização da maconha vai aumentar o consumo?**

Não. A proibição hoje é tão ineficaz que as pessoas que querem comprar maconha não têm nenhuma dificuldade de fazer isso.

**Como é que você vê a reação do Estado, tanto do Poder Judiciário quanto do aparato policial, na repressão das marchas a favor da legalização?**

Isso demonstra o quanto a nossa democracia ainda precisa amadurecer. Temos autoridades no País que não compreenderam o espírito da Constituição de 1988, que estabelece, entre outras coisas, a garantia à liberdade de expressão. A sociedade, o Legislativo e o Judiciário precisam amadurecer e reconhecer o direito dos cidadãos de defender algumas mudanças nas leis.

**Você gostaria de falar sobre mais alguma coisa que não foi abordada aqui e considera importante?**

Nós estamos aguardando com ansiedade a votação no Supremo Tribunal Federal de duas ações que abrimos para garantir a realização da Marcha da Maconha sem repressão. Acho que essa novidade deve rolar nas próximas semanas.

[A autorização foi dada pelo STF e a marcha foi realizada em diversos lugares do Brasil, inclusive em Brasília, no dia 18 de junho de 2011].



# USO TERAPÊUTICO DA



**Dr. Dartiu Xavier da Silveira**

Psiquiatra, professor da Universidade Federal de São Paulo e diretor do Programa de Orientação e Assistência a Dependentes (Proad).

**S** i M

**Descolad@s:** O senhor é a favor ou contra a legalização da maconha. Por quê?

A resposta não é só sim ou não. Acho que existem pontos a favor e outros contra. Ser a favor ou contra a legalização vai depender do contexto. Acho muito difícil tomar uma posição num país tão complexo como o Brasil. Num país com circunstâncias ideais, eu não teria dúvidas em ser a favor da legalização.

**E no caso brasileiro, o que causa mais receio?**

O Brasil é um país bastante complexo, com muitas realidades diferentes e um funcionamento ético muito questionável. É uma sociedade que está longe de ser a ideal, porque aqui todo mundo quer levar vantagem. O Brasil não é um país que tem um funcionamento ético, que trabalha para um bem comum.

**Qual é a sua posição em relação ao uso terapêutico da maconha?**

O uso terapêutico é algo que já tem sido bastante desenvolvido em países mais ricos e com muito sucesso. Eu acho que o fato de não existir uma possibilidade de uso terapêutico de maconha no Brasil mostra o quanto a nossa mentalidade é atrasada.

**Quais são os impactos do uso contínuo da maconha nos adolescentes?**

O que se sabe é que o uso contínuo da maconha por adolescentes acarreta uma série de alterações no que chamamos de relações cognitivas. São alterações no funcionamento cerebral que ocasionam a dificuldade de memória, atenção e concentração.

**Quais são os mitos que giram em torno da maconha?**

De que ela leva o indivíduo a ficar psicótico, com doença mental. Na verdade, acontece o contrário. Algumas das pessoas que têm a predisposição de apresentar doenças mentais procuram usar a maconha para ter uma

sensação de conforto. As pessoas às vezes confundem isso, acham que foi a maconha que ocasionou determinada reação e, no entanto, foi o contrário. Quanto à questão de fazer menos mal por ser uma droga “natural”, isso não tem sentido algum. Até aí, a cocaína é natural também. Os grandes venenos são substâncias naturais. O que mostra que ela é uma das drogas mais seguras não é o fato de ser natural, mas o fato de que a gente sabe cientificamente quais são as consequências de seu uso. Uma pessoa que usa maconha tem menos riscos de ter problemas do que quem usa, por exemplo, cocaína ou álcool.

**Quais são os principais problemas que a saúde pública enfrenta hoje com as pessoas que utilizam a maconha vendida na rua, misturada com uma série de substâncias tóxicas?**

Quando uma substância não é legalizada, você não tem um controle de qualidade. Por exemplo: se eu vou comprar um produto na farmácia e ele me fizer um mal, posso mover uma ação contra o fabricante, porque ele está me enganando, uma vez que ele está colocando naquela droga produtos que fazem mal para a saúde dos consumidores. Mas se a produção é clandestina, aí você vai ter de se submeter a consumir tudo aquilo que está na substância. Este é um dos problemas dos traficantes, que misturam uma série de produtos tóxicos nessas substâncias, que não passam por um controle de qualidade. Isso é muito mais danoso à saúde. A legalização permitiria um controle de qualidade, coisa que não existe. Com relação à dependência da maconha, ela afeta menos de 10% dos usuários. A dependência em si é muito séria, mas se você for pensar no universo de quem fuma maconha, ela não afeta muito, nem muita gente. Eu acho que o grande risco do uso da maconha refere-se justamente às questões legais associadas ao tema. Se eu uso maconha e ela é uma substância ilícita, sou obrigado a me colocar em situações de risco, em contato com traficantes, correndo o risco de ser preso.

**E do ponto de vista político?**

Cada um de nós deve abandonar os seus preconceitos e seus olhares radicais. A gente deve ter um diálogo franco e aberto, respeitando todas as diversidades e tentando exercer a democracia nisso também. Vamos discutir abertamente a questão da legalização da maconha de uma forma realmente democrática, ignorando as tentativas de manipulação de opiniões, como se tem tentado fazer até agora.

# MACONHA: sim ou não?

**Descolad@s:** A senhora é contra ou a favor da legalização da maconha. Por quê?

Sou absolutamente contra a legalização da maconha. A maior disponibilidade da droga poderia trazer muitos problemas de saúde pública. Hoje, sabe-mos que o cigarro e o álcool são as principais drogas consumidas porque são lícitas. A maconha é a principal droga ilícita usada. Tenho certeza de que, se ela fosse legalizada, poderia, eventualmente, até ultrapassar o uso de álcool e de cigarro.

**Quais são os impactos do uso contínuo da maconha nos adolescentes?**

O que se sabe, com pesquisas avançadas e comprovadas, é que quem usa maconha desde muito cedo pode ter danos cognitivos no cérebro, principalmente na área de memória, organização, planejamento e falta de iniciativa. Esse prejuízo é principalmente para aqueles que começaram a usar a droga no início da adolescência. A maconha tem um princípio ativo (THC), cujo uso contínuo é nocivo e o uso eventual também traz riscos muito grandes, como, por exemplo, o desenvolvimento de surtos psicóticos e de ansiedade. Quem consome maconha pode desenvolver a síndrome do pânico e, até mesmo, esquizofrenia. De acordo com a predisposição genética, o uso da droga uma única vez pode ser prejudicial.

**A senhora diria que a maconha é mais prejudicial para os adolescentes do que para as pessoas na vida adulta?**

Sim, porque a adolescência é uma fase muito importante do desenvolvimento, na qual a gente está estruturando a personalidade, edificando muitas características da nossa estrutura interna. O uso de uma droga pode atrapalhar bastante o curso do desenvolvimento psicológico, trazendo problemas psiquiátricos. As pessoas ficam mais lentas e podem ter problemas de memória.

**Quais são os mitos que giram em torno da maconha?**

A maconha é uma droga que causa dependência, sim. Você vê pessoas que são submetidas a um tratamento para parar de usar maconha e têm muita dificuldade de abandonar o seu uso, porque são dependentes, precisam da droga para estabilizar o seu funcionamento

## NÃO

**Dra. Maria Alice Fontes**  
Neuropsicóloga e pesquisadora do  
Laboratório Interdisciplinar de  
Neurociências Clínicas da  
Universidade Federal de São Paulo.



psicológico. Existe também o mito do uso medicamentoso. Fala-se em legalização da maconha porque há alguns trabalhos sérios que afirmam que a maconha pode ser usada para fins medicinais. Na verdade, não é a maconha do jeito que nós conhecemos, mas o uso de partes da maconha, pois, ela é composta por 2 mil. Uma delas é o cannabidiol, que tem sido usada em pesquisas para o controle de ansiedade. Agora, isso não quer dizer que é dar maconha para a pessoa fumar, porque se trata de isolar uma das milhares de substâncias da maconha.

**Quais são os principais problemas que a saúde pública enfrenta hoje com as pessoas que utilizam a maconha vendida na rua, misturada com uma série de outras substâncias tóxicas?**

Isso não é tão relevante. Se a pessoa usa maconha misturada e isso faz com que ela corra o risco de desenvolver um problema respiratório, mesmo que ela consuma maconha pura, possivelmente esse risco também existe. O que é um problema para a saúde pública mesmo refere-se às chances de que essa pessoa desenvolva esquizofrenia. Aí, precisaremos de uma rede de saúde pública para tratar esse tipo de paciente. O problema não é a pessoa usar uma droga que está misturada com outra substância, mas o aumento de problemas psiquiátricos devido ao uso da maconha.

**E do ponto de vista político?**

Acho que este tema é controverso. Não temos dados suficientes para dizer que a legalização da maconha pode ajudar na diminuição do tráfico e da violência. Além disso, existem indústrias e muita pressão política por trás disso tudo. E o que eu tenho trata-se de evidências médicas, científicas, de que a maconha é uma droga prejudicial à saúde, seja a longo prazo ou mesmo com o uso de uma única vez.



# "SEJA A MUDANÇA QUE VOCÊ DESEJA VER NO MUNDO"

Por Patrícia de Matos

Mahatma Gandhi



Há algumas décadas, o grêmio estudantil do Cemeb – Centro de Ensino Médio Elefante Branco, mais conhecido como “Elefante” – foi um importante espaço de resistência à ditadura militar. Nossa escola teve muita força política, principalmente no movimento estudantil.

Quando fui estudar no Elefante, sonhava com um lugar que estimulasse a criatividade e o senso crítico dos/as estudantes. Porém, quando cheguei ao Cemeb, percebi que não era bem assim.

Laboratórios, que antes funcionavam a todo vapor, com professores/as qualificados/as e bem remunerados/as, estavam fechados, fazendo companhia ao piso desgastado e à falta de material para o trabalho didático. Estava bem clara a deterioração da estrutura da escola. E não parava por aí. Faltava uma coisa muito importante também: democracia. Os/as estudantes não participavam da vida escolar, não tinham sua opinião respeitada



e, em decorrência disso, se sentiam alheios. É como em uma aula na qual a gente só escuta o que o professor fala e não participa: a aula se torna desinteressante, maçante e parece que a gente está lá forçado/a.

A partir de então, passamos a questionar tudo isso e, conversando pelos corredores com colegas, percebemos que muitos/as pensavam da mesma forma e desejavam maior participação dos/as estudantes na escola.

Para transformar qualquer realidade, é necessário, em primeiro lugar, organização. Sabíamos que a escola não estava naquele estado só porque o governo não repassava recursos ou porque os/as alunos/as não queriam estudar. Percebemos que, além da falta de investimentos, havia também pouco estímulo e valorização da democracia dentro da escola. Eu e alguns colegas tivemos, então, a ideia de formar um grêmio

estudantil para lutar por mudanças. Não vou dizer que foi fácil, muito pelo contrário. Parecia, para mim, que a ditadura ainda tinha deixado algumas heranças e que nós teríamos que enfrentá-las.

A primeira dificuldade veio quando tentamos fazer a eleição do grêmio. A direção daquela época não queria que os estudantes se organizassem, alegando que causaríamos um caos na escola. Fomos adiante mesmo assim e conseguimos eleger a nossa chapa, que era única.

Logo, a escola foi tomada por uma efervescência que há muito tempo não era vista. Entrávamos na sala de aula falando da necessidade da participação dos/as estudantes, incentivando-os/as a participar de passeatas e manifestações que reivindicavam mais investimentos em educação. Falávamos de Honestino Guimarães, ex-líder estudantil, morto durante a ditadura militar, que estudou na nossa escola. Explicávamos a necessidade da democracia como meio de construir um mundo diferente.

Algumas vezes, ficávamos desanimados/as por causa das perseguições de alguns professores e da direção. Mesmo assim, insistimos, impulsionados/as principalmente pela história de luta dos/as que já tinham passado por ali. Por fim, percebemos que fomos protagonistas de uma grande transformação. Conseguimos acabar com uma rotina, que era pedante, e a galera passou a ir à escola com mais vontade, sentindo-se parte dela. Chamamos isso de “ressuscitação do movimento estudantil no Elefante”. Conquistamos o passe livre estudantil e participamos de grandes passeatas, como a que exigia o investimento de 50% do fundo social na educação.



Na segunda eleição do grêmio, para nossa surpresa, três chapas se inscreveram e apresentaram as propostas mais diversas. Naquele momento, eu passei a ter a certeza de que os/as estudantes tinham, enfim, tomado as rédeas da sua própria história. O processo eleitoral foi caloroso e todo mundo se animou para confeccionar faixas, cartazes, bandeiras e conversar sobre as propostas. Mais uma vez, a chapa da qual eu fazia parte foi eleita, agora com 89% dos votos válidos, e passamos a implantar um avançado projeto para fortalecer o movimento estudantil no Cemeb.

Hoje, nosso grêmio é considerado um dos que contam com maior relevância política do Brasil. Tive a oportunidade de ser eleita parlamentar juvenil, por meio de um processo eleitoral nacional em 2010, e agora integro o Parlamento Juvenil do Mercosul (PJM), que representa os estudantes do nosso país pelo Distrito Federal. Por causa desse trabalho, já fui para o Rio de Janeiro, a África do Sul e o Uruguai.

No Brasil, participo de vários eventos, congressos e, juntamente com outros estudantes, atuo na luta para que a educação assuma o seu principal papel: o de colocar o povo brasileiro à frente das mudanças do nosso país, para se obter um mundo igualitário, com distribuição de renda e participação popular. Neste processo todo, o que talvez tenha nos marcado mais foi a concretização de um projeto de luta, embora saibamos que ainda há muita injustiça por aí, mas também há muita gente querendo mudar isso.

Quer saber mais sobre como montar um grêmio? Entre em contato conosco: <http://a-tromba.blogspot.com/>





## ACABEI O ENSINO MÉDIO. E AGORA?

- a) Faculdade
- b) Concurso público
- c) Mercado de trabalho
- ~~d) NDA~~

Por Raquel Rodrigues Ferreira

Para alguns jovens brasileiros e brasileiras, terminar o ensino médio mais parece uma questão de múltipla escolha. Quando os adolescentes entram no ensino médio, passam a sonhar com qual carreira vão seguir, procuram saber sobre cada curso universitário até encontrar aquele com o qual mais se identificam, querem ir atrás da melhor universidade, do melhor emprego, mas, infelizmente, nem todos saem das escolas brasileiras preparados para ingressar no ensino superior ou encarar o mercado de trabalho.

No Brasil, dos 2,9 milhões de jovens que concluem o ensino médio, apenas 1,7 milhão de adolescentes entram para o ensino superior. E o que acontece com os 1,2 milhão de jovens restantes? Alguns prestam concursos públicos, porque os pais são concursados ou porque buscam independência financeira. Já outros buscam cursos técnicos ou profissionalizantes. Outros, ainda, se arriscam no mercado de trabalho, o que não é fácil, pois conseguir um trabalho dá muito trabalho, ainda mais para jovens que, na maioria das vezes, não têm experiência profissional. Por fim, existem aqueles que não conseguem nem trabalhar



nem continuar os estudos. Estes últimos são também conhecidos como “jovens nem nem”.

Segundo levantamento realizado pela Pnad/IBGE em 2008, 15% dos jovens entre 18 e 24 anos não estudavam nem trabalhavam. Além disso, em pesquisa realizada pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 5 milhões de brasileiros entre 15 e 24 anos não trabalham – pelo menos no mercado formal, com registro na carteira de trabalho.

Veja, por exemplo, o caso da jovem Nayara de Sousa, 22 anos, moradora da Cidade Estrutural. Ela sentiu na pele essa dificuldade assim que se formou no ensino médio, há três anos. Desde então, ela busca uma oportunidade de trabalho e de estudo. “Primeiro, eu trabalhei na feira, ajudando meu pai; depois, prestei concurso público para o IBGE, mas não passei. Nesse período, até cheguei a conseguir um trabalho formal, mas não consegui me adaptar e saí logo na primeira semana”. Hoje, Nayara tem a sua própria “banquinha” na feira, onde vende bijuterias e ainda espera realizar o sonho de seguir estudando.

## E o direito ao ensino superior?



Uma importante questão que aflige esses “jovens nem nem” é sentir a existência de uma vocação e não poder exercê-la. Diogo do Nascimento, de 20 anos, morador da Cidade Estrutural, terminou o 3º ano do ensino médio também há três anos, trabalhou em algumas lojas, fez cursos técnicos de administração e informática, mas hoje está desempregado e sem estudar. Ele mora num quatinho ao lado da casa do pai e passa seus dias por lá ou com os amigos na rua. Diogo diz que se sente frustrado por ainda não ter conseguido passar no vestibular para o curso de Ciências Contábeis. “Sinto que tenho vocação para essa área”, afirma.

Por que a educação deixa de ser um direito de todos quando se termina o ensino médio? Por que o ensino superior deixa de ser para o jovem um direito garantido pelo Estado para ser um direito restrito à finalidade de se passar no vestibular?

É importante lembrar o que diz o artigo 205 da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O acesso às universidades públicas, no entanto, está longe de ser universalizado.

## “A escola não percebe nem entende esta geração”

Para a secretária de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), a professora Maria do Pilar Lacerda, “os jovens que nem estudam nem trabalham são consequência de um modelo de escola que não percebe nem entende esta geração”. Uma pena, porque, se entendesse, talvez o Brasil estivesse repleto de estudantes de Medicina, Administração de Empresas, Direito, Comunicação, Pedagogia, entre outros cursos superiores tão essenciais e importantes para o País.

Maria do Pilar acredita que isso só irá mudar quando o projeto pedagógico brasileiro for outro. “A escola deve conhecer quem são seus alunos realmente, de onde eles vêm, o que querem, qual é o seu histórico escolar”, explica. Para ela, esse “reconhecimento” só pode ser feito quando se conhece a realidade deles fora do prédio da escola, percorrendo-se o local onde a instituição de ensino está: suas ruas, seus espaços e seus movimentos culturais. Ela ainda acha que falta um sério acompanhamento pedagógico interno.



Além das oportunidades de estudo, o jovem brasileiro também tem muita dificuldade para ser aceito no mercado de trabalho. Os fatores que acarretam isso são vários: desde a falta de experiência até o preconceito da população em dar uma primeira chance a essas pessoas.

## Dificuldades no mercado de trabalho

Segundo o último levantamento realizado pela Pnad, em 2009, das 92,6 mil pessoas entrevistadas, 53,4 mil estavam empregadas. Destas, 23% tinham entre 15 e 24 anos. Para as mulheres, a situação é ainda mais agravante: apenas 36% delas conseguem um emprego. E esta amostragem pode estar relacionada a fatos como casamento e maternidade, que acabam induzindo várias delas a deixar o mercado de trabalho temporariamente.

A jovem Juliana Alves Honório, de 21 anos, moradora de Ceilândia, casou-se logo depois de terminar o ensino médio. Hoje, ela vive em uma casa com o marido (que trabalha e a sustenta) e é estudante de cursinho, porque se prepara para o vestibular de Educação Física. Ela segue firme na sua busca: “ainda quero muito entrar na faculdade”.

Além disso, são as mulheres as que mais encontram dificuldades pelo caminho, como salários mais baixos (em relação aos recebidos pelos homens) e a convivência com uma sociedade ainda muito machista e preconceituosa. Cerca de 30% dos jovens de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham são jovens mulheres negras, que deixam seus sonhos de lado e trabalham na casa de seus pais para cuidar de irmãos ou de seus próprios filhos, enquanto as outras pessoas da família saem para trabalhar.

É verdade que o nível de escolaridade dos jovens brasileiros vem subindo nos últimos anos. Segundo dados da Pnad/IBGE analisados pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), no período de 2001 a 2008, o percentual dos jovens de 18 a 24 anos que frequentavam o ensino superior subiu de 8,9% para 13,7%. Porém, acrescentando-se o quantitativo dos jovens que o concluíram, essa proporção sobe de 10,2% para 15,9%. Ainda assim, esse número é muito baixo. Esse resultado se deve, provavelmente, à baixa qualidade da educação básica. Por isso, essa turma acaba sendo desfavorecida na disputa por vagas em universidades e no mercado de trabalho.

A secretária de Educação Básica do MEC, Maria do Pilar, falou um pouco sobre o que o governo federal tem feito para tentar reverter essa situação. Ela explicou que as políticas do Ministério para a juventude passam pela expansão do ensino médio profissionalizante das escolas técnicas, pela expansão das vagas nas universidades públicas e por melhores condições de financiamento nas faculdades particulares. Já no ensino médio, as ações são voltadas para o reforço da estrutura tecnológica e para a formação de professores. Mesmo assim, parece que ainda há muito a se fazer.





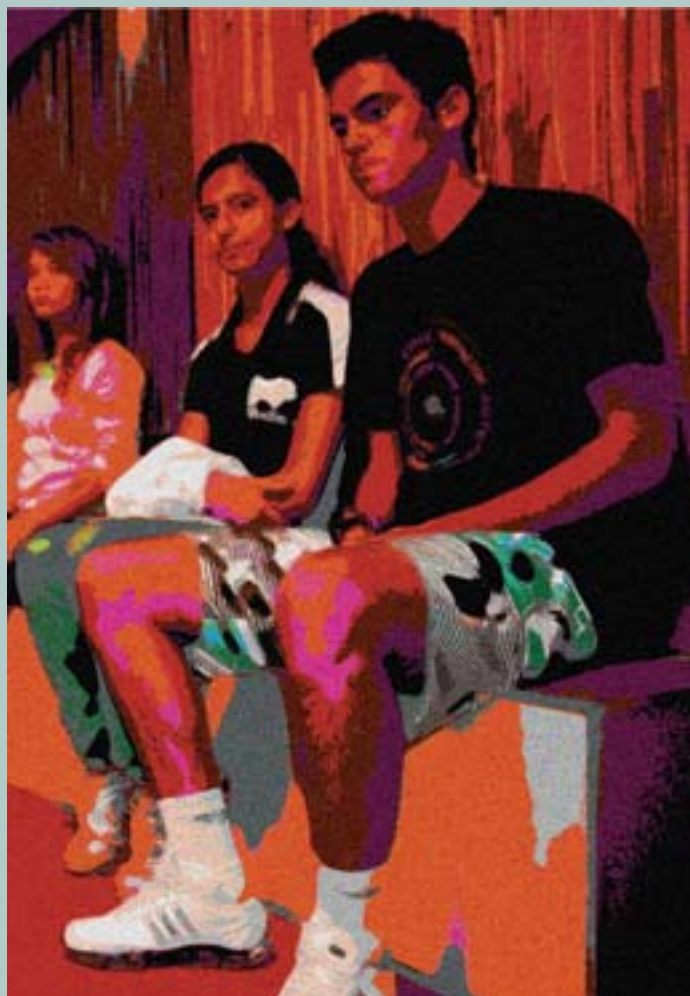
## A chance de escolher

Eu mesma, repórter desta matéria, sou uma “jovem nem nem”. Terminei o ensino médio há quase três anos e perdi a conta de quantas entrevistas já fiz e de quantos currículos já entreguei. Meus planos eram terminar o terceiro ano, conseguir um trabalho e depois entrar no ensino superior, mas as coisas caminharam de forma diferente. Sinto que a sociedade espera muito de nós, mas, ao mesmo tempo, eu não vejo investimentos na nossa formação. O fruto disso é a permanência de jovens despreparados, indecisos quanto ao que fazer do seu futuro.

Queremos um lugar ao sol, queremos estar preparados e experientes quando for preciso. Sentimos que hoje a sociedade retrata os “jovens nem nem” como desocupados, pessoas que não querem nada com a vida. Mas muitos de nós mal concluímos o ensino médio e, quando buscamos um trabalho, só encontramos portas fechadas.

Quando os jovens entrevistados nesta matéria são questionados sobre como se veem daqui a uma década, todos têm a mesma resposta: querem estar formados, trabalhando e ganhando bem.

Fazer parte da “geração nem nem” não significa ser “vagabundo”, “inútil”, “preguiçoso”, “desocupado”, etc. Além disso, quando terminar o ensino médio, isso não quer dizer que você tenha que necessariamente entrar logo na faculdade ou trabalhar. Podemos simplesmente querer fazer um curso ou fazer parte de projetos sociais ou viajar em intercâmbio... O que queremos, na verdade, é ter a chance de escolher e viver um mundo real de possibilidades.



### de olho no orçamento

Ação	Autorizado	Lei	Executado
11.331.1463.2706.7842 Assistencia ao trabalhador – juventude e trabalho	0,00	84.400,00	0,00
11.331.1463.2900.7549P Programa Jovem Trabalhador – implementação do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM	59.858,00	379.800,00	27.941,23
12.363.0142.4004.0001 Projeto Escolas Técnicas - Escola do Amanhã	3.900.000,00	5.101.000,00	2.000.000,00
12.363.0164.1176.9323 implantação de Escola Profissionalizante no Paranoa	0,00	100.000,00	0,00
12.363.0164.1176.4005 Implantação de Escolas Profissionalizantes – Escola do Amanhã	0,00	50.000,00	0,00
11.334.1463.2706.7836 Preparação de jovens para o primeiro emprego no Distrito Federal - FUNGER	0,00	454.400,00	0,00
12.573.2420.1196.3721 Construção e ampliação de campus e polos da UnB nas Satélites	0,00	3.000.000,00	0,00
12.364.2420.3051.0003 Implantação da Universidade Regional de Brasília e Entorno	0,00	1.000.000,00	0,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.



AF Rodrigues



Léo Lima





Léo Lima



Ratão Diniz



Bira Carvalho



Ratão Diniz



Ratão Diniz

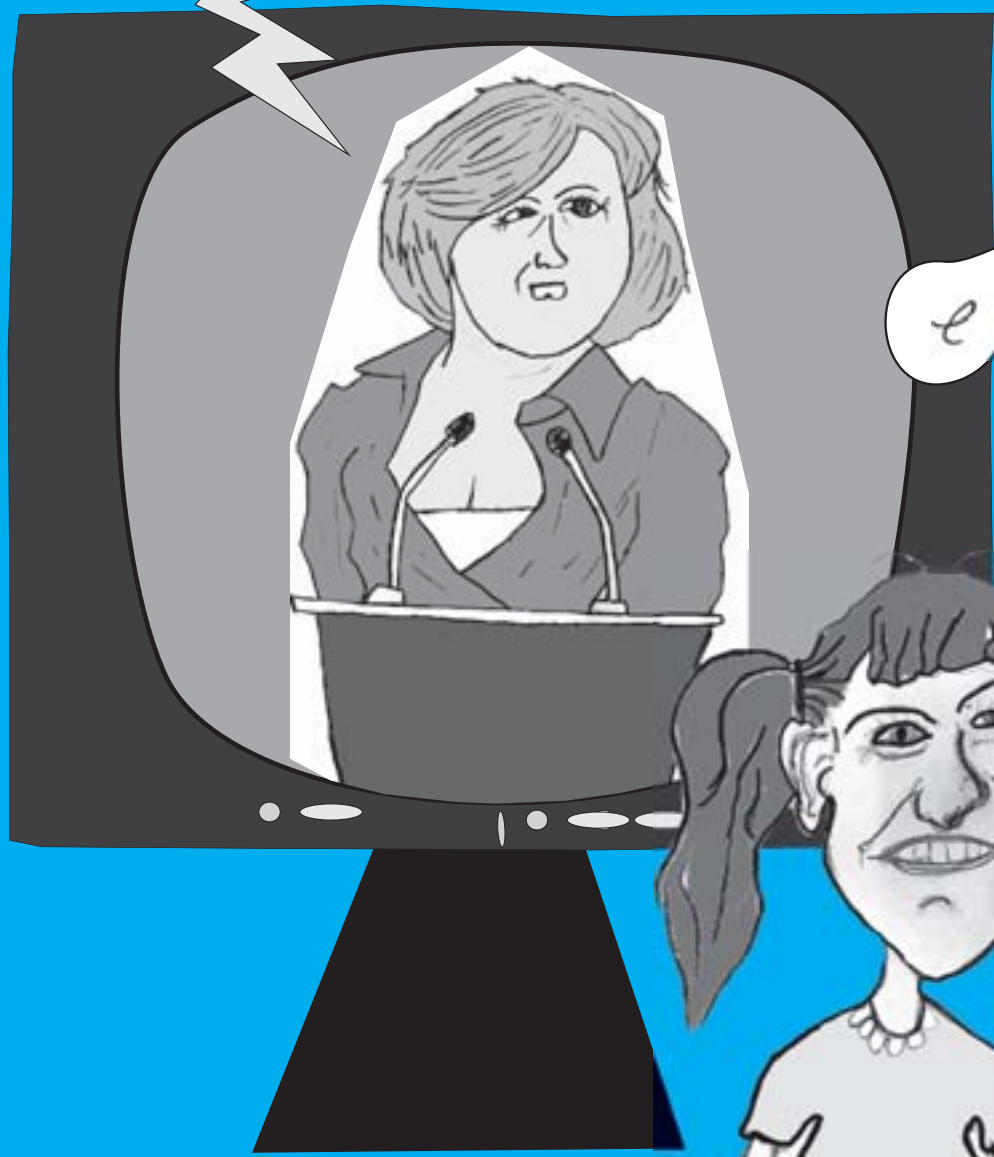


Larissa Freitas



RISADA

Vou defender to da aquela  
Corrupção!!



e' isso ai  
mamãe!



# CADÊ NOSSA VOZ NO CONGRESSO?

Por Júlia Capdeville

Eu, mulher, quero mudança. Eu, indígena, quero mudança. Eu, negro/a, quero mudança. Eu, homossexual, quero mudança. Eu, pobre, quero mudança... Cadê alguém para me representar de verdade?

No Congresso Nacional, há mais homens do que mulheres. Apenas 8,7% de parlamentares são mulheres na Câmara dos Deputados, o que resulta em 45 deputadas para 468 deputados. No Senado, a bancada feminina representa 14,8% dos parlamentares – 12 mulheres para 69 homens, sendo que a maioria é branca. Será que há representatividade de toda a diversidade da população brasileira no Congresso Nacional?

A sub-representação das mulheres, dos/as pobres, dos/as negros/as e dos/as indígenas já está em questão há muito tempo nos diversos espaços de poder e de representação política. Será que o problema é a falta de candidatos/as que se encaixem nessas “categorias”?

Na realidade, existem candidatos/as, o que falta é apoio político, partidário e financeiro. Segundo a diretora do Cfemea (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), Guacira César, se não houver mudanças no sistema eleitoral brasileiro e no financiamento das campanhas, o país só atingirá o equilíbrio de gênero na representação política no ano de 2218 (!). Vamos esperar até lá? Ou podemos fazer algo para diminuir esta desigualdade?

## Cotas para mulheres

Há pouco tempo, a mulher conquistou seu espaço. Foi aprovada uma lei que obriga os partidos a ter uma cota de mulheres candidatas (30% das vagas do partido) e um percentual mínimo de 5% do Fundo Partidário e 10% do tempo de propaganda partidária, para difundir a participação feminina. Esta lei foi desrespeitada por todos os partidos na eleição de 2010, e a Justiça não fez nada. Será que é realmente necessária uma lei que obrigue o partido a fazê-lo? Não basta bom senso para perceber que ninguém melhor do que as próprias mulheres para representá-las? E os indígenas? E os negros? Continuarão em segundo plano no país?

Que as mudanças são necessárias todos/as sabem, mas a sociedade precisa agir, seja na formação política da população ou criando leis que impeçam a desigualdade, o machismo, o racismo e a homofobia na política. Devido ao desconforto com a suposta “democracia” vivida no Brasil – na qual não há igualdade,

participação popular efetiva e transparência, além do fato de que há um descrédito relativo às instituições –, diversas organizações, fóruns, redes, articulações e movimentos se uniram para construir uma plataforma de propostas e estratégias para fazer pressão para que a reforma do sistema político seja votada no Congresso.

## Propostas dos movimentos sociais

Assim, em 2006, surgiu a Plataforma dos Movimentos Sociais para a Reforma Política no Brasil, que organizou suas propostas em cinco eixos: a questão da democracia representativa (processo eleitoral), que avança na direção da democracia direta (direito que o povo tem de participar diretamente das decisões políticas); a democracia participativa/deliberativa (direito que o povo tem de participação das decisões, por meio das suas organizações); a democratização da informação e da comunicação (direito que o povo tem de ter acesso às informações públicas e aos meios de comunicação); e a democratização do Poder Judiciário (direito que o povo tem de ter acesso à Justiça para defender os seus direitos; mas, para isso, o Judiciário precisa ser transparente, popular e não elitista).

Segundo José Antonio Moroni, do Inesc e da Plataforma dos Movimentos Sociais pela Reforma do Sistema Político, são necessárias mudanças mais radicais nas regras do processo eleitoral. “É necessário criar mecanismos que democratizem as eleições, viabilizando a participação dos segmentos ausentes dos espaços de decisão política e a igualdade nas disputas eleitorais”.

Em 2011, a Plataforma e o MCCE (Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral) pretendem apresentar na Câmara dos Deputados um projeto de iniciativa popular sobre a reforma política. Por enquanto, a iniciativa popular da reforma política tem como estratégia concentrar esforços em dois eixos da plataforma: o fortalecimento da democracia direta (devolver o poder ao povo) e a democracia representativa (democratização e fortalecimento dos partidos políticos, reforma no sistema eleitoral e controle social do processo eleitoral).

É possível mudar a realidade política do país, ter sua voz no Congresso e ser representado verdadeiramente no Parlamento! Basta querer lutar!

Para mais informações, acesse <<http://www.reformapolitica.org.br/>> e ajude a construir um país realmente democrático!



ENTREVISTA

## POR TRÁS DAS GRADES: VOZES, SONHOS E IMAGENS

### Jovens do Cajé falam sobre a realidade na unidade de internação e compartilham seus sonhos e aprendizados

Por Thallita de Oliveira

Ivan\* tem 19 anos. Ele está no Cajé (Centro de Atendimento Juvenil Especializado de Brasília) há dois anos e já teve passagem por outra instituição que presta serviços de atendimento socioeducativo. Ele é casado, tem dois filhos e conta que sua família o apoia bastante.

Giovana\* tem 17 anos. Ela está no Cajé há 1 ano e 6 meses e também ressaltou a importância do apoio familiar, principalmente da mãe.

Ivan é estagiário em um tribunal e Giovana está na faculdade. Ela conseguiu uma bolsa durante o período de internação. Como ambos disseram, representam uma minoria dos/as jovens que conseguem trabalhar ou fazer uma faculdade sendo internos/as do Cajé. As oportunidades são poucas.

Esta entrevista foi acompanhada por uma assessora da direção do Cajé, na sede do Inesc, e vários adolescentes do Conselho Editorial da Revista Descolad@s participaram do bate-papo.

De acordo com relato dos entrevistados, muita coisa que está prevista pelo Sinase (Sistema Nacional de

Atendimento Socioeducativo) e pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) não é garantida, como, por exemplo: refeitório, limite de adolescentes por quarto (no máximo três), espaço e condições adequadas para visita íntima. O Cajé, no momento da entrevista, tinha cerca de 400 internos – para 161 camas! –, uma quantidade que está além de sua capacidade.

A situação das meninas é de desvantagem permanente. Não existe no Distrito Federal a medida de semiliberdade para elas, que é uma alternativa ao regime de internação. Enquanto há no Cajé uma ala destinada aos meninos com bom comportamento, setor que lhes permite ficar fora da cela e circular pelo pátio, não há nada parecido para as meninas.

Embora os entrevistados não tenham enfatizado a questão racial, podemos verificar pelas fotografias que o Cajé reflete a falta de oportunidades à juventude negra e pobre.

Convidamos vocês, leitor e leitora, a conhecerem o que pensam estes jovens, que – como muitos/as de nós – sonham com uma vida digna e um presente de oportunidades e de respeito aos seus direitos.

\*Ivan e Giovana são nomes fictícios para preservar as identidades dos entrevistados

**Descolad@s:** Como é a rotina no Cajé?

**Ivan:** A gente acorda de manhã, arruma a cama, limpa o quarto, a ala todinha. [...] As aulas começam às 8h. À tarde, faço estágio no tribunal.

**Giovana:** Saio à noite do Cajé porque estou fazendo faculdade, mas passo o dia todo lá. Às 6h da manhã, tem um café; às 9h, tem um lanche; 11h, o almoço e o banho de sol de meia hora. Às 14h, tem o banho de sol de novo; depois, o lanche da tarde e a janta. Às 17h, trancam todo mundo de novo.

**Descolad@s:** Qual curso você faz?

**Giovana:** Pedagogia. Eu quis fazer pedagogia por causa do Cajé. Acho interessante o trabalho das técnicas, sabe? Eu nunca tive vontade de fazer nada assim, não. Aí, eu vi como era, fui me interessando e decidi: vou fazer isso.

**Descolad@s:** Ivan, você está gostando de trabalhar no tribunal?

**Ivan:** Estou. Mexo com arquivo. Aí, é bom demais, porque eu fico isolado das pessoas, fico mais tranquilo. É bem melhor.

**Descolad@s:** Na escola, vocês têm as matérias habituais: português, matemática, biologia, química?

**Giovana:** Temos, quando tem os professores para dar as aulas todas. Aí, é aula pela manhã, mas quando não tem... Estão em falta professores lá.

**Descolad@s:** E as oficinas no período livre?

**Ivan:** Eu fiz oficina de marcenaria e de informática. O que eu gosto de fazer mais quando não tem oficina é artesanato. Eu adoro fazer artesanato de papel. Dobradura, cesta, bolsa, cisne, muitas coisas lindas, porta-retratos...

**Descolad@s:** Quais são os direitos que vocês conhecem?

**Giovana:** Eu acho que tenho direito à educação.

**Ivan:** Com certeza, direito à educação, a ser um profissional. Temos vários direitos, mas eu não sei quais.

**Temos vários direitos, mas eu não sei quais.**



**Se você quiser montar alguma coisa sua, a família traz um lençol, alguma coisa assim, faz uma massa, cola na parede, na parte onde você dorme, e aí fica mais tranquilo, já é o meu gosto.**



**Descolad@s:** Vocês têm consciência de que esses direitos precisam ser assegurados pelo governo, que tem que haver dinheiro para manter as oficinas, por exemplo?

**Giovana:** O governo teria que dar assistência para a casa e oferecer as oficinas a todos. Eu acho que eles tinham que manter essa verba para as atividades acontecerem, e isso ajudaria muito a evitar brigas e confusões.

**Descolad@s:** Como é a estrutura do Cajé?

**Giovana:** A estrutura de lá não está muito legal, porque está velha. Os quartos são abafados e tal. A gente cuida direitinho e dá pra ficar, mas poderia melhorar.

**Ivan:** Ah, o Cajé já tem muitos anos que está em pé, sem investimentos, sem cuidados.

**Descolad@s:** Como são os quartos, o refeitório e o banheiro?

**Ivan:** A gente faz as refeições dentro do quarto. É um quarto pequeno, tem capacidade para duas pessoas, pelo menos onde eu ficava. Tem o banheiro, o quarto e duas camas de concreto, camas do tipo beliche, a televisão, nossas coisas. O quarto da M9 é grande porque é uma ala diferenciada das outras. A gente põe um crachazinho e anda dentro do Cajé todo, não tem problema com ninguém. Eu já passei por outras alas. Como tive bom comportamento, fui para a M9.

**Descolad@s:** E como você faz para manter a individualidade?

**Ivan:** Onde eu fico, cada um tem seu espaço, faz o que quiser.

**Giovana:** Você tem que entrar em acordo também. Tem coisa que eles não deixam. Agora, se você quiser montar um quartinho lá, as paredes... Têm muitos que vão e riscam a parede. Se você quiser montar alguma coisa sua, a família traz um lençol, alguma coisa assim, faz uma massa, cola na parede, na parte onde você dorme, e aí fica mais tranquilo, já é o meu gosto. Cada um vai fazer o seu ali, vai montar o quarto.



**Descolad@s:** E como é o módulo tranca-do?

**Ivan:** Não é muito legal, porque o quarti-nho onde eu ficava tinha duas camas, que são de concreto, uma embaixo e uma em cima. O quarto era um cubículo, muito pequeno mesmo! Todo de tijolo, com grade na porta. Nesse quarto, só podiam ficar dois. Aí, colocaram três, porque o Cajé tava superlotado.

**Descolad@s:** E como é que se faz quando se tem duas camas e três pessoas?

**Ivan:** Aí, vai revezando. Já fiquei em um quarto com cinco pessoas.

**Giovana:** Já fiquei com quatro. Aí, dá-se um jeito. Juntamos dois colchões no chão e dá pra três pessoas ficarem. Eu fico pensando: as meninas dormem juntas tranquilamente, mas e os meninos, né?

**Ivan:** Na M9, os meninos não dormem juntos, o espaço é grande.

**Descolad@s:** Quais são as cores do Cajé?

**Ivan:** Ele já foi pintado com tantas cores... No quarto, uma parede é branca, o resto é azul, mas só que aí nós colocamos uns panos, pra ficar bonitinho do jeito que eu falei, e colocamos uns artesanatos, uns porta-retratos, e acaba que fica bonito o quarto.

**Giovana:** O quarto das meninas até que é bem cuidado. As paredes são de cor rosa, tipo alaranjado, mas existem quartos de todas as cores. O meu mesmo é verde.

**Descolad@s:** Qual é a diferença entre as alas?

**Ivan:** A M9 é diferenciada, porque eu ando por lá, mas outros não podem. Os outros andam com as mãos pra trás. Têm muitos que não podem ficar em uma ala, porque têm uma treta com uma pessoa ali. Aí, vai e muda pra não criar o conflito e acontecer coisa pior.

**Descolad@s:** Mas existe uma hora em que se junta todo mundo?

**Ivan:** Não, não chega a juntar. São 10 alas. As alas são todas separadas. Cada uma tem o seu banho de sol, o seu pátio. Quando tem treta, o agente vai e separa.



**Mas tem muita coisa ali que poderia melhorar: oficinas, atividades, ter uma estrutura melhor, entendeu? A gente fica muito preso. Nosso banho de sol mesmo é uma hora por dia. A gente fica muito tempo dentro do quarto sem fazer nada.**

**Descolad@s:** Como começam as brigas?

**Ivan:** Às vezes, já vêm da rua, porque se uma pessoa fez um mal, quando chega [ao Cajé], fala demais lá dentro, e acaba que tem um parente de outro envolvido... Muitas vezes, é da rua que já vêm e muitas vezes eles arrumam lá dentro. Quando a pessoa pede um "mata rato" [nome dado pelos detentos ao "biscoito"], fala "ou, me dá um mata rato aí", e a outra pessoa não dá, eles pensam "ah, tá negando", e aí começa a "bateção" de boca, e depois...

**Giovana:** Coisinha pouca gera um tumulto...

**Descolad@s:** Como é a relação com os profissionais do Cajé?

**Ivan:** Com alguns, é super tranquilo; com outros, não vou muito com a cara deles. É isso.

**Giovana:** Tem problema, porque você convive com muitas pessoas. Uma é diferente da outra. Aí, algumas pessoas fazem o trabalho delas normalmente. Já outras querem ser superiores, querem mostrar autoridade. Você tem que saber conversar com as pessoas, sabe? Se você trata a pessoa bem, ela vai tratar você bem, mas se tratar mal... Elas acabam agindo com ignorância.

**Descolad@s:** E como seria o Cajé ideal para vocês, então?

**Giovana:** Ah, eu preciso falar uma coisa: não gosto nem de ficar pensando muito, não. O melhor pra mim é eu estar na minha casa. Mas tem muita coisa ali que poderia melhorar: oficinas, atividades, ter uma estrutura melhor, entendeu? A gente fica muito preso. Nosso banho de sol mesmo é uma hora por dia. A gente fica muito tempo dentro do quarto sem fazer nada. Tinha que ter mais coisa, mais oficinas. Poderia ter natação, dança, um monte de coisa... Aí, ficaria melhor, porque se ocupa o tempo e passa mais rápido.

**Descolad@s:** Vocês conseguem fazer amizades?

**Ivan:** Amigo é uma coisa muito forte. A gente fala de colega, mas amigo... não tem.

**Giovana:** Tenho um gênio muito forte. Tem gente que se identifica comigo. Já outros, não. Prefiro ficar na minha, reservada, porque eu já quis conversar com todos; hoje, converso com poucas e só o básico, mais com as meninas do meu quarto.

**Descolad@s:** Na visão de vocês, o que é um amigo de verdade?

**Ivan:** É minha mãe. Não tenho laços de amizade. Antes, tinha. O cara me falava que era amigo, isso e aquilo, mas na hora que você está lá dentro, ninguém manda nem uma passagem para sua mãe poder ir lá. Nenhum amigo fez isso, e eu considerava cada um deles como amigo.

**Giovana:** Eu também, a mesma coisa. Muita gente virou as costas para mim. Amigo que eu tenho é só a minha mãe. A gente conversa bastante. Só gente da família é que é seu amigo, entendeu? Porque quando você precisa, eles estão lá.

**Descolad@s:** É diferente ser menina no Cajé e ser menino?

**Giovana:** Eu acho que é. Ah, às vezes, a gente consegue mais coisas do que eles: maquiagem, chapinha... Agora, os meninos têm altas regalias. Lá é melhor do que a ala feminina.

**Descolad@s:** Vocês namoram? Tem alguma pessoa para visitar você?

**Giovana:** Eu não. Tem as trocas de cartinha, lá.

**Descolad@s:** Fale dessas cartinhas...

**Giovana:** Não sou muito chegada nessas cartinhas, não. Mas as meninas todas lá gostam.

**Descolad@s:** E vocês já receberam cartinhas?

**Giovana:** Já. Mas fica só na cartinha.

**Ivan:** Não, não pode, não. A [minha] mulher briga [risos]. Muitos até ficam conversando assim, escrevem cartinhas para elas lá, mas eu não. Tenho minha mulher. Estamos juntos há seis anos. Ela sempre esteve comigo, nunca falhou.

**Descolad@s:** Então, quando sua esposa vai visitar? Tem visita íntima?

**Antes do Cajé, eu vivia desacostumado de conviver com minha família. Não ficava muito junto dela. Quando eu perdi minha liberdade de ficar com eles, foi a hora em que eu senti a saudade, mesmo.**

**Ivan:** Nós temos a visita da mulher. A outra pessoa do quarto fica no pátio. Lá tem um banco, e ele fica lá com a família.

**Descolad@s:** O cumprimento da medida socioeducativa colaborou ou está colaborando de alguma maneira para a vida de vocês?

**Giovana:** Muitos aprendem, muitos não.

**Ivan:** Aprendi bastante: 95%.

**Descolad@s:** Como você pode resumir seu aprendizado?

**Ivan:** Muitas coisas que eu fazia antes, agora tenho medo de fazer novamente. Não é medo assim, é um medo de ir preso de novo e ficar muito tempo. Agora, já não tenho mais 17 anos, tenho 19. [Se eu for preso novamente,] não vou



19. [Se eu for preso novamente,] não vou mais ficar no Cajé. No presídio, é completamente diferente: não são três no quarto, são quase 30 caras dentro de uma cela. Lá é cela, aqui é quarto. E, de certa forma, isso dá um medo. A gente fala: "pra mim, já chega. Encerrei minha carreira. Aposentei dessa".

**Giovana:** Eu aprendi a dar valor a muita coisa, especialmente à liberdade. Quando você a tem é normal, nem percebe isso. Quando você a perde, vê que ela é muito importante. Eu também deixei... Tudo o que eu fiz estou deixando pra trás, agora. Vou sair de lá outra pessoa. Vou viver nova vida, porque aquilo ali não é pra mim, não.



**Descolad@s:** E qual é a opinião de vocês sobre a redução da idade penal?

**Giovana:** Não concordo, porque tem menino que vai preso com 16 anos, fica lá um tempo, ainda dá pra consertar, entendeu? Vê que aquilo ali não é bom, ainda dá pra sair, mudar de vida... Mas se com 16 anos já vai preso, fica num lugar daquele ali, não tem jeito, não.

**Ivan:** Vai sair doido, vai sair de lá meio louco.

**Descolad@s:** Quais são os maiores problemas que vocês veem na internação?

**Ivan:** A saudade. A impossibilidade de sair, não poder fazer o que se quer.

**Giovana:** Saudade é quando você vê as festas na televisão e não pode



dançar um pouco. No Natal, mesmo com a família toda reunida lá, não é a mesma coisa. Em casa, tem aquela comida na mesa. Você fala: “poxa, era a hora de eu estar em casa curtindo com a família”, mas você está lá!

**Descolad@s:** Não tinha o “saidão”? [Nome dado ao afrouxamento da privação de liberdade em datas comemorativas]

**Ivan:** Tem. Eu nunca fiquei preso no Natal. Nunca tinha passado um aniversário no Caje. O primeiro foi o de 18 anos. No Natal do ano passado, eu tinha seis meses e pouco [de interno], mas pelo meu bom comportamento o

***Eu aprendi bastante a dar valor a muita coisa, especialmente à liberdade. Quando você a tem é normal, nem percebe isso. Quando você a perde, vê que ela é muito importante.***

juiz me liberou pra sair. Foi quando eu fiquei quatro dias em casa. Antes do Caje, eu vivia desacostumado de conviver com minha família. Não ficava muito junto dela. Quando eu perdi minha liberdade de ficar com eles, foi a hora em que eu senti a saudade, mesmo.

**Giovana:** Ah, eu já passei Natal, Ano Novo e até aniversário lá. Já estava acostumada nessas datas a ficar com a minha família. Aí, nesse dia, foi horrível! Não gosto nem de lembrar! Foi um dos piores momentos que eu tive lá. Foi a hora em que eu mais senti falta da minha família, sabe? Em casa, todo mundo também sentia minha falta. Não foi igual. Agora, estou saindo de 15 em 15 dias.

**Descolad@s:** E o que vocês fazem para matar a saudade de casa?

**Ivan:** Só nos resta esperar a visita deles no domingo. Às vezes, é permitido levar a comida de fora nessas épocas de comemorações. Aí, com a autorização pra levar, a gente mata a saudade, dá um abraço, um beijo. Lá na nossa ala, a visita é o dia todo. Se [a família] chegar [para visita] de manhã, você passa o dia todo [com eles]. Nas outras alas, é das 8h às 11h.

**Descolad@s:** Vocês já sentiram na própria pele a discriminação?

**Ivan:** Ah, porque você mora em um lugar e o pessoal sabe que você é um presidiário, eles vão ficar com medo de você roubar a casa deles. Muitas vezes, [quando ocorre] qualquer discussõzinha, falam: “ah, você é um ladrão”, e por aí vai... Isso daí é como se fosse uma discriminação.

**Giovana:** Não, porque eu nem falo muito. É, eu escondo [minha condição de interna] nos lugares pra onde eu vou, mas uma vez eu fui pro hospital e fiquei com tanta vergonha... Eu nunca me esqueço disso. Foi tanta que eu só fui pro hospital essa vez até hoje, de tanta vergonha que eu fiquei, porque o pessoal... fica todo olhando pra você. Parece que você é um bicho! É muito estranho! Todo mundo para pra ficar olhando pra você, porque nós vamos algemados.

**Descolad@s:** Para vocês, qual é a causa da violência?

**Giovana:** É o tráfico de drogas.

**Ivan:** Porque muitas vezes leva a pessoa a fazer o crime. Muitas vezes, é a falta de dinheiro, porque você está a fim de comprar uma roupa, um tênis, uma blusa bonita, uma coisa de marca, mas você não tem o dinheiro. A única coisa que leva a pessoa a fazer isso, muitas vezes, é o tráfico. Vai vender droga na esquina, vai roubar, nesse roubo acaba matando alguém... Você acaba tomando aquilo lá e vai obter aquilo que você quer, e muitas vezes o plano dá errado.

**Descolad@s:** Em relação à classe social, o Cajé tem pessoas de classe média e alta que vocês conhecem?

**Ivan:** Na nossa língua, a gente fala: "playboy revoltado".

**Descolad@s:** Tem muito playboy revoltado lá?

**Ivan:** Sempre aparece um. Pô, e a família dele tem condição de manter o cara na escola, comprar tudo do bom e do melhor pra ele, e ele não quer isso. Ele quer uma adrenalina, quer aprontar, vai pra uma favela e conhece a rapaziada lá... Ele tem condição de ficar tranquilo, mas não sabe aproveitar. Eu acredito que muitos que estão lá, se tivessem oportunidade que alguns têm, acho que não estariam aprontando.

**Descolad@s:** Entrando nessa linha de oportunidade, vocês acham que, se estivessem fora do Cajé, teriam a oportunidade de estudar e estagiar?

**Ivan:** Não teria, porque ninguém iria correr atrás disso. Se fosse por mim, eu mesmo não iria.

**Giovana:** Eu também não iria se eu estivesse na rua, estaria do mesmo jeito. Agora, eu estou pronta pra sair de novo. Minha mãe sempre me acompanhou na escola, eu nunca deixei de estudar, mesmo estando envolvida nessas coisas. Minha mãe sempre arrumou emprego pra mim, um estágio, mas eu não queria saber. Aí, eu precisei ir lá pra dentro pra ver o que era melhor pra mim, pra eu

**No Natal, mesmo com a família toda reunida lá, não é a mesma coisa. Em casa, tem aquela comida toda na mesa. Você fala: "poxa, era a hora de eu estar em casa curtindo com a família", mas você está lá [no Cajé]!**

gostar das coisas certas, entendeu? Porque estava fazendo tudo errado, só estava me prejudicando. Aí, lá dentro, em um lugar daquele ali, fui descobrir coisas boas pra mim. Terminei meus estudos, comecei a trabalhar, fiz o estágio e gostei da experiência. Estou gostando da faculdade, outra coisa que pensei que não fosse fazer.

**Descolad@s:** O que faz vocês mais felizes? Quais são os sonhos de vocês?

**Ivan:** O que mais me faz feliz é quando eu saio do portão [do Cajé] pra fora. Isso me deixa muito alegre.

**Giovana:** Não ter mais que voltar pra lá.



**Descolad@s:** O que vocês deixariam de recado para os jovens do Brasil?

**Ivan:** Não entre nessa vida, só isso. Não entre nessa porque, se você pensa que tudo é alegria, não é, não. Você conhece os dois lados da moeda: de estar com o dinheiro no bolso num dia e, no outro, está sem nada, até sem o amor da própria família, porque muitas famílias deserdam a pessoa.

**Giovana:** Eu só queria dizer uma coisa: que a liberdade é muito boa, e a gente só dá valor a ela quando perde a própria liberdade.

Todas as fotos desta matéria foram produzidas pelos/as adolescentes internos/as, na Oficina de Fotografia, promovida pelo Inesc, em maio/2011.



## Medidas socioeducativas ou antieducativas?

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê seis medidas socioeducativas para os/as jovens. Cinco delas antecedem a privação da liberdade. São elas: 1) advertência; 2) reparação do dano; 3) prestação de serviços à comunidade; 4) liberdade assistida; 5) semiliberdade; 6) internação em estabelecimento educacional.

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) detalha como as medidas devem ser aplicadas e como as instituições ou unidades de atendimento socioeducativo devem ser para haver um bom resultado. O Sinase garante e exige, das instituições que aplicam medidas de internação, um refeitório, espaço adequado para visita íntima, estímulo à profissionalização e muitas outras coisas que, em geral, não existem. E são poucas as instituições que cumprem a determinação de ter um projeto pedagógico.

Quem é o culpado: o adolescente, o Estado, o governo, eu, você? A medida socioeducativa é ou não eficaz? Na verdade, a pergunta teria que ser: a medida é devidamente aplicada?

É inaceitável a ineficácia, porque uma medida mal aplicada pode gerar mais violência e morte. Não se confia no/a adolescente, não se acredita na sua transformação. Instituições e governos se esquecem do potencial desse/a jovem e do seu direito de se desenvolver, mas, para “desenvolver o seu potencial, as pessoas precisam de oportunidades”,\* e é isso exatamente o que o mundo não nos dá: oportunidades.

A responsabilidade é de toda a população brasileira. As famílias, as escolas, as comunidades, o Estado, a Justiça e a mídia têm um papel fundamental a desempenhar, para que possamos lidar melhor com essa realidade. Porém, para que possamos cumprir com nossos deveres perante nosso País, precisamos também ter nossos direitos assegurados.

### Dados preocupantes

Em sete estados e no Distrito Federal, no período de 2007 a 2010, foram registrados 23 assassinatos de adolescentes que cumpriam medidas de internação. É o que revela pesquisa da Anced (Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança

e do Adolescente). Rondônia apresentou o maior número: 9. No DF, foram documentadas duas mortes. A Anced também obteve informações sobre outros 47 adolescentes que teriam morrido nas mesmas condições entre 2005 e 2010. Já segundo o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, 21 meninos morreram no Caje desde 1997. Segundo a pesquisa da Anced (2010), o DF tinha capacidade para internação de 160 adolescentes; porém, havia 304 internos, com média de quatro adolescentes por dormitório. No ano anterior, de acordo com a Secretaria de Direitos Humanos, havia 511 meninos e 15 meninas em unidades de internação da capital federal.

Informações do Seminário sobre Justiça Juvenil Restaurativa, promovido pelo Cedeca-DF neste ano, apontam que a média nacional de adolescentes internos é de 8 para cada 10 mil adolescentes. No Distrito Federal, a média é 29, na mesma ordem de comparação. No geral, 75% das internações ocorrem por atos infracionais não tão graves, como furto.

### Violência contra adolescentes

O Mapa da Violência 2011 informa que mais de 60% das mortes na população jovem brasileira (de 15 a 24 anos) ocorrem por causas violentas e, destas, quase 40% são devidas a assassinatos. Com base no Índice de Homicídios na Adolescência, foram avaliados 267 municípios do Brasil com mais de 100 mil habitantes e se chegou a um prognóstico alarmante: o número de adolescentes de 12 a 18 anos assassinados entre 2006 e 2012 pode ultrapassar 33 mil mortos.

- A Amar (Associação de Mães e Amigos da Criança e do Adolescente em Risco) é uma entidade que objetiva garantir e ampliar a participação da comunidade e de familiares de adolescentes no processo de cumprimento de medidas socioeducativas, como forma de controle social e combate à violência institucional dentro das unidades de internação.
- Saiba mais: acesse <<http://amarbrasil.blogspot.com/>>

\* Frase reproduzida de documento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud): “Paradigma do Desenvolvimento Humano”.

de olho no orçamento			
Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
14.421.1506.5139.0001 Construção e ampliação de unidades do sistema sócio educativo	12.001.000,00	12.001.000,00	73.000,00
08.243.1506.6194.0001 Atendimento ao adolescente de liberdade assistida	140.598,00	633.000,00	80.289,72
08.243.1506.6200.3460 Atendimento ao adolescente com medida de semi-liberdade	505.282,00	540.160,00	457.213,88
08.243.1506.6200.3461 Atendimento ao adolescente em internação provisória – CAJE I	8.315.735,00	3.400.000,00	7.830.222,51
08.243.1506.6200.3462 Atendimento ao adolescentecom medida de internação – CAJE II E CIAP	16.804.898,00	5.477.720,00	14.255.678,76
08.244.0110.3903.7886 Reforma e ampliação de Centros de Orientação Socioeducativas	779.253,00	1.250.000,00	779.252,65
11.331.1463.4063.0002 Capacitação de menores infratores	0,00	42.200,00	0,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.

"Renda-se como eu me rendi.  
Mergulhe no que você não  
conhece como eu mergulhei.  
Não se preocupe em entender,  
viver ultrapassa qualquer  
entendimento".  
Clarisse Lispector  
Escritora brasileira

"Sentimento é a língua  
que o coração usa  
quando precisa mandar  
algum recado".  
Adriana Falcão  
Escritora brasileira

"Aprender sem  
pensar é tempo  
perdido".  
Confúcio  
Filósofo chinês

"Olho por olho e todos  
nós acabaremos cegos".  
"Se quisermos progredir,  
não devemos repetir a  
história, mas fazer uma  
história nova".  
Mahatma Gandh  
Político hindu e  
pacifista hindu

"Mentes criativas são  
conhecidas por resistir a  
todo tipo de mau  
treinamento".  
Anna Freud  
Psicanalista,  
filha de Sigmund Freud,

"Ninguém ignora tudo,  
ninguém sabe tudo. Por  
isso aprendemos sempre".  
Paulo Freire  
Educador e filósofo brasileiro

"Aunque te digan loca por  
luchar, tu, mujer, resiste.  
Confía en el sonido de tu  
própria voz".  
Grupo de Mujeres Creando  
Grafiteiras da Bolívia

"Felicidade é um como,  
não um quê".  
Hermann Hesse  
Escritor alemão, prêmio  
Nobel de literatura

"Se o mundo é mesmo  
parecido com o que vejo,  
prefiro acreditar no  
mundo do meu jeito".  
Renato Russo  
Roqueiro e compositor  
brasileiro

"Eu quase nada sei, mas  
desconfio de muita coisa".  
"A gente morre para  
provar que viveu".  
Guimarães Rosa  
Escritor brasileiro

"O vento é o  
mesmo. Mas sua  
resposta é diferente  
em cada folha".  
Cecília Meireles  
Poetisa brasileira

"Se temos voz é para  
vazar sentimento".  
Mia Couto  
Escritor moçambicano

"A ordem das árvores não  
altera o passarinho".  
Tulipa Ruiz  
Cantora e compositora  
brasileira

"O que me preocupa  
não é o grito dos maus.  
É o silêncio dos bons".  
Martin Luther King  
Defensor dos direitos civis dos  
negros nos EUA,  
prêmio Nobel da paz

"É preciso, antes de tudo,  
enxergar o que há de  
bom nos outros; preceito  
que, na sabedoria dos  
zulus, se chama ubuntu".  
Nelson Mandela  
Líder sul africano e prêmio  
Nobel da paz



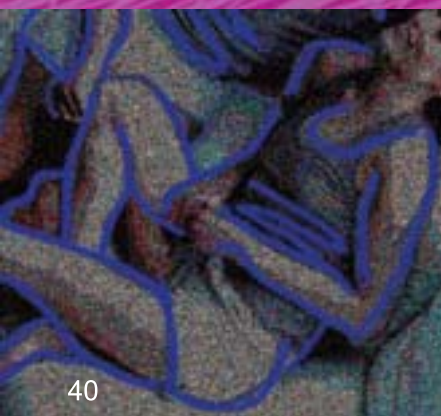


## MUITO PRAZER

PARA TUDO  
EXISTE A  
PRIMEIRA E  
A PRÓXIMA  
VEZ...



Por Joana Piantino e Luana Barreto



Existe uma primeira vez para tudo. A primeira palavra, o primeiro beijo, o primeiro dia de escola, o primeiro emprego... Mas, quando falamos de primeira vez, o que vem à cabeça é a primeira relação sexual. A importância da primeira é que ela é a porta de entrada para um mundo novo, e depois dela vem a segunda, a terceira, e por aí vai.

É um momento que pode ser idealizado, mas nem sempre é como se imagina e pode acontecer quando menos se espera e em lugares inusitados. Assim aconteceu com Juan, de 56 anos, que teve sua primeira tentativa de relação sexual aos 14, em uma construção, sem nenhum conforto e em pé. Após o ato, no qual não houve penetração nem satisfação, a menina perguntou: “Transar é isso?”, e ele timidamente respondeu: “Acho que é”.

A primeira vez é o início de uma descoberta que vai até o fim da vida. Trata-se de uma forma de se conhecer e geralmente acontece na adolescência.

Essas experiências podem ser tanto frustrantes quanto prazerosas, como no caso de Luiza, hoje com 30 anos, que teve sua primeira vez aos 17, na escadaria de um prédio. Foi com seu primeiro namorado, que também era virgem. Segundo ela, já havia uma relação de confiança e intimidade entre eles. “Foi um momento cheio de delicadeza, com todos os cuidados, inclusive com a camisinha. No começo, doeu um pouco, ele ficou todo preocupado e foi muito carinhoso. A segunda vez foi bem melhor. Senti um prazer incrível”.

### IDEALIZAÇÕES, COBRANÇAS E DESCOBERTAS

Há, pelo menos, uma diferença entre a primeira vez dos homens e a das mulheres. Muitos deles têm uma preocupação com seu desempenho e pensam que precisam ter o controle da situação, enquanto que, para boa parte delas, predomina uma visão romântica, na qual acabam idealizando seu parceiro – aquela velha história do príncipe encantado. Se o mundo fosse menos exigente com os meninos e menos fantasioso para as meninas, talvez houvesse mais compreensão e cumplicidade entre os pares.

Aos 14 anos, Ian perdeu sua virgindade, deixou de ser “cabaço”, como ele diz. Seus amigos “zoavam” dele, dizendo que, se demorasse mais, ele iria “trocar de time”. Chegaram a fazer uma “vaquinha” com a intenção de levá-lo a um prostíbulo. Um dia, Ian foi para a casa de uma amiga e ela propôs que transassem. Ele não estava muito à vontade, mas pensou que, se recusasse, iria ficar com fama de gay, e topou. Ele diz que era inexperiente, mas que, mesmo assim, se preocupou em usar camisinha. “A gente foi para o quarto e eu ‘encepei’ o menino”.

Entre grupos de amigos/as, sexo é um assunto muito citado. Quem é virgem fica deslocado/a da conversa. Muitos/as acabam sendo pressionados/as e tornam-se motivo de chacota. Foi o que aconteceu com Fernanda: “Minhas amigas faziam pressão porque eu era a única virgem da turma. Por causa disso, me sentia diferente, inferior. Então, para eu não ficar por baixo, aconteceu. Eu me arrependi pela situação e por ceder à pressão”.

Felipe, 26 anos, é homossexual e teve sua primeira vez aos 15. “Era complicado achar pessoas que me entendessem. Até que resolvi dar uma chance para meus sentimentos e me relacionar com pessoas do mesmo sexo. Com 15 anos, tive minha primeira relação homossexual. Foi o clímax de minha aceitação como gay”.

Michelle, hoje com 25 anos, teve sua primeira experiência com mulher aos 18. Ela já tinha transado com um cara antes, mas tinha muita vontade de transar com uma garota. Em uma festa, Michelle ficou com uma menina. “Foi tudo muito natural e tranquilo. Eu tinha curiosidade e não fiquei nervosa na hora H. Não era um corpo estranho para mim”.

Muitos/as homossexuais têm sua primeira vez com pessoas do sexo oposto, mesmo sem sentir atração, porque têm dificuldade de se autoaceitar. Isso porque nossa sociedade impõe a heterossexualidade como uma norma. O sexo deveria ser algo natural, que acontece entre as pessoas, não importa se é homem com mulher, mulher com mulher ou homem com homem.

### ANTIGAMENTE...

A família de Maria Helena, hoje com 51 anos, é do tipo liberal, na qual havia diálogo a respeito de qualquer assunto, inclusive sexo. Ela relata que, aos 19 anos, seu pai perguntava a ela sobre sua virgindade e tratava disso com muita naturalidade, dizendo que ela estava perdendo tempo. Esse tipo de relação familiar não era muito comum na época, pois o sexo era tratado como tabu.



Quando ela tinha 20 anos, perdeu sua virgindade com um aluno de seu pai, no carro do rapaz. Ela conta que adorou o momento, que foi muito prazeroso.

Rosa está com 76 anos. Ela conta que, quando tinha 18, no ano de 1953, teve sua primeira vez. Ela foi à Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, onde cruzou olhares com um rapaz, e os dois começaram a frequentar a orquestra na esperança de se encontrarem. Num dia, saíram do programa juntos, rumo às suas respectivas casas. Ela conta que, no meio do caminho, havia uma música romântica saindo de uma casa e inundando a rua (bem coisa de filme mesmo). O rapaz, então, aproveitou a oportunidade: ele a agarrou gentilmente e lascou-lhe um beijo. Depois, a convidou para ir à casa que ele dividia com seus amigos e ela topou. Segundo Rosa, foi arrebatador.

### NEM TUDO É "UM MAR DE ROSAS"

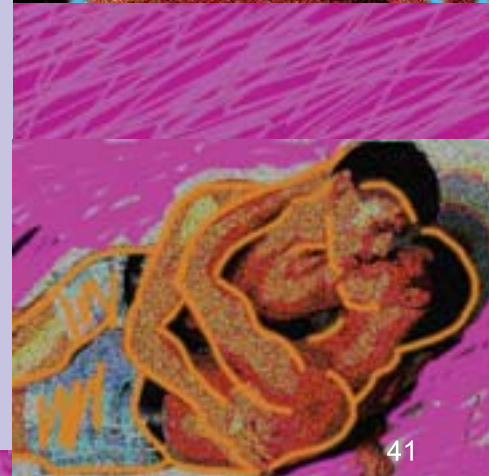
Há muitos casos que ocorrem no embalo do uso de bebida alcoólica, o que acaba atrapalhando tanto na performance como na espera da relação perfeita. Foi o que aconteceu com Bruna, quando tinha 16 anos. Ela estava bêbada numa festa na casa de seu namorado e, num determinado momento, eles foram para o quarto dele e rolou. "Minhas expectativas não foram satisfeitas, pois eu idealizava [o momento] e não esperava que fosse daquele jeito". Já para Amanda, o abuso de álcool foi ainda pior: "Estava tão bêbada que não me lembro de nada, nem se usamos camisinha".

Infelizmente, a primeira vez também pode acontecer de forma violenta e traumática. Esta é uma realidade abominável, que acontece com muitas crianças e jovens, principalmente dentro da própria família. Meninas e meninos são violentados e têm seu primeiro contato com o sexo precocemente e contra sua vontade, sem sequer compreender o ato. É uma lembrança que nunca se perde e pode impactar a vida da pessoa para sempre, mas, com cuidados profissionais, carinho e apoio emocional e psicológico, é possível ser superada.

### RESPEITO É TUDO!

Há pessoas que não se importam com o fato de como será sua primeira vez ou com quem será, pois acreditam que isso é algo que acontece naturalmente e não deve ser tratado com tanta ansiedade. Mas há aquelas que dão muito valor a esse momento e esperam até a hora certa, em que estejam preparadas e confiantes. Este é o caso de Marina, de 22 anos, que é virgem. Ela conta que na época da escola sofria muito com isso, mas que algumas amigas a apoiavam. Ela quer que sua primeira relação sexual seja com uma pessoa de quem ela goste, que seja gentil, carinhosa, e que a trate com respeito. Marina diz que há o lado bom e o ruim, pois – quando os meninos sabem que você é virgem – eles a respeitam mais, mas às vezes querem ir logo para os "finalmentes". "Já terminei um namoro porque o garoto insistia muito".

A sexualidade, ao contrário do que muitos/as pensam, é algo que nós vivemos desde que nascemos (e não apenas após a puberdade) e segue por toda a vida. Todas as pessoas têm o direito de viver sua sexualidade de forma agradável, prazerosa, segura, com dignidade e sempre respeitando suas vontades. Não há uma idade certa para se começar a ter relações sexuais, porque a melhor ocasião depende de cada pessoa.



de olho no orçamento			
Ação	Autorizado	Lei	Executado
13.392.1300.2007.9242 (EP) Apoio à realização dos Projetos "Pra ficar de Boa nas Ruas", "Oficinas de Teatro Para Iniciantes", "Auto da camisinha nas escolas", "Circo Artetude", "Projeto e Cidadania"	24.852,00	45.575,00	24.852,00
13.392.1300.2007.9751 Apoio à realização do projeto "Auto da Camisinha nas Escolas"	45.575,00	0,00	43.131,20

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.





Ilustrações: Acervo de imagens da Oficina de Desenho/Artes Visuais do Centro de Ensino Médio Elefante Branco - CEMEB.

### Uma saia para girar

Eu queria uma saia longa, bem rodada.  
Feita com a chita mais colorida que houver,  
Com muitos florais e babados  
E muito, muito tule para dar volume.

No corpo uma regata branca qualquer,  
E entre os seios esguios uma grande rosa  
Vermelha, como o batom que pinta os lábios.

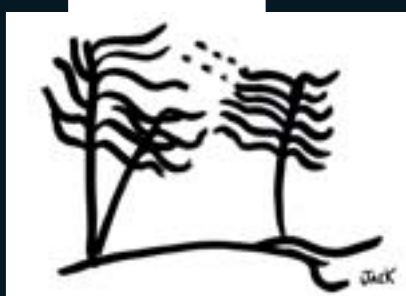
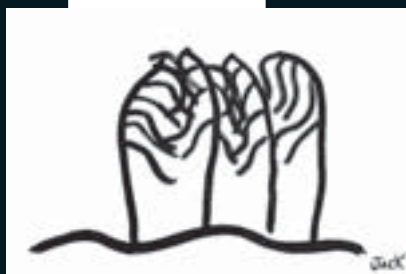
Uma saia rodada própria para Catimbó  
Ou uma roda de samba,  
Mas feita para me libertar!

(Maria Camila Florêncio)

### Banalidade II

teto. tato  
totem  
tento  
(des)alento  
desatento  
tema. treme  
tremo  
temo  
te amo

(Gabriela Ziegler)



### Consumo

O mercado se desliza  
pelos rostos  
o dia vai trocando  
moedas  
e nas mentes brilham  
novos focos  
e outros se apagam  
machucados  
homens buscam  
ser felizes...  
pregos e martelos  
a madeira espera  
jogada ao pescoço do desesperado  
ponham as mãos  
no chão  
Quando passar chorando,  
o mundo está cheio de mãos  
que se consomem  
todo dia...

(Paula Gabriela Castillo)



## Cigarras

O canto histérico das cigarras  
O grito etéreo das cigarras  
A sinfonia eterna das cigarras  
A simetria externa das cigarras  
A sinestesia extrema das cigarras  
Que nos envolve no fim da tarde  
Que nos resolve no fim da arte  
Que nos revolve no fim da parte  
É estridente, tangente, comovente  
O céu escureceu, as árvores  
Parecem apenas sombras  
Parecem apenas sobras  
Com galhos misteriosos  
Nas superquadras de Brasília  
As cigarras fazem seu show  
É quase tão banal quanto dizer "te amo"  
As tardes em Brasília são todas iguais  
O tédio das superquadras não repercutem em nada  
A não ser nas noites de sexta e sábado  
Jovens lânguidos, loucos, embriagados  
Se jogam no lago Paranoá  
Submergem, em sonho,  
Buscam algo além  
Das áreas verdes e dos blocos,  
Que mais parecem caixas de sapato  
Os ipês florescem em abril  
E as cigarras cantam sua liturgia,  
Enquanto pessoas se atropelam  
Pra tentar passar no próximo concurso público...

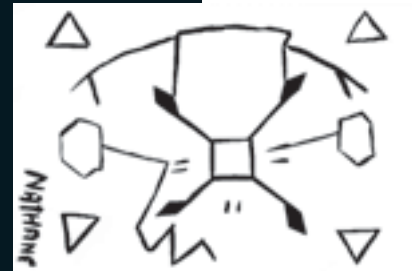
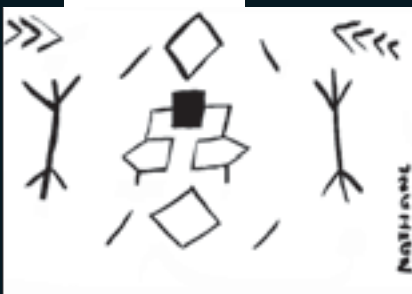
(Gabriela Ziegler)



## CONCEITO CONCRETO

A MOCHILA ROXA  
CELULARES FOTOGRAFANTES  
- QUE TE PARECE A FOTOSSÍNTESE!  
SENTIR AS COISAS SEM SENTIDO  
CONSENTINDO  
SENTIR-SE  
SE TODOS  
OUVIREM O ECOAR DE PASSOS  
E PESSOAS  
E AS VÉRTEBRAS SE REVERBERANDO  
E OS SEIOS RESSOAREM  
A MELODIA VIBRANTE  
DO UNIVERSO DE  
UM VERSO

(Gabriela Ziegler)





## A MÚSICA NA MINHA VIDA, UMA HERANÇA DE FAMÍLIA

Por Sissa Akalla Rodrigues Lucas de Assis

Seu Jancero (90 anos e inteiraço!), filho de escravos, na sua juventude era um boêmio que frequentava os bailes da sua cidade. Morava em Pilares, um bairro do Rio de Janeiro. Envolveu-se com a música desde criança, influenciado pela cultura local. Numa boa roda de samba, cerveja e na palma da mão, perdia a noção da hora, cantando com os amigos.



Contaminada pela paixão por samba e pagode, tratei de convocar meus primos Bryan, Diogo, Victor e Emilyn para formar o nosso primeiro grupo, o "Sincero Amor". Éramos todos bem novos, da mesma faixa etária – eu tinha apenas 11 anos –, e tocávamos na garagem de casa com os amigos, sem nunca fazer uma apresentação pública.

Dona Irene, sua esposa e boa companheira, curtiava o samba, preferencialmente em família. O casal teve nove filhos (sete mulheres e dois homens). Destes, todos se envolveram com a música de alguma forma, sendo que dois se dedicaram de corpo e alma: Edênia e Júnior. Ela, como compositora de samba e pagode; ele, como fundador do grupo Amor Maior, de Taguatinga, cidade do Distrito Federal.

A música brasileira sempre correu nas veias da família. Por isso, não poderia ser diferente com os netos de Seu Júnior, especialmente com a neta – eu, Sissa Akalla.

Um ano depois, estávamos fazendo um pagode no quarto do Bryan, e dei a ideia de fazer um novo grupo, com uma nova formação. Desta vez, o grupo só teria gente da família. Depois de muitas discussões, chegamos ao nome mais óbvio: "Os Primos do Samba". Só havia primo dentro do quarto e, de menina, só eu.

A nossa primeira apresentação fora do quarto (e da garagem) foi em 29 de novembro de 2008, perto do Dia da Consciência Negra, no colégio onde eu estudava na época, o Caseb, de Brasília. Subimos no palco e prestamos uma homenagem a Zumbi dos Palmares, com a



### do que no orçamento

Ação	Autorizado	Lei	Executado
13.392.1300.2007.8785 Promoção de atividades culturais da Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania	0,00	286.960,00	0,00
15.451.3000.1984.9547 (EP) Conclusão do Centro Cultural e Esportivo de Ceilândia	0,00	150.000,00	0,00
13.392.1300.3350.0002 Implantação de Centro Cultural na QNN 13 - Tenda Cultural	0,00	10.000,00	0,00
15.451.0084.5024.0002 Construção da Casa de Cultura de Ceilândia RA IX	0,00	5.000,00	0,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.

música "300 Anos", do grupo "Bom Gosto". "Quem vem de Angola e de Luanda salva esta nação de Aruanda / Salve a mesa posta de Umbanda, salve este Brasil Zumbi". Decoramos a letra em cima da hora e tivemos medo de sair uma porcaria, mas ficou legal. O público gostou demais e não parava de gritar meu nome. A partir daí, em tudo quanto era festa, éramos chamados para tocar e até hoje é assim.

### Preconceito e diversidade

Atualmente, sinto que na escola sofremos um pouco de preconceito, porque a turma do rock tem muita influência sobre os outros alunos. Já ouvi uma menina reclamar uma vez, perto de mim, que grupo de pagode é "um saco". Isto me deixou muito mal por uns instantes, mas, logo depois, me fortaleci: fiquei orgulhosa da nossa música e lembrei que muita gente nos pede para tocar e curte o que a gente faz, porque o pagode alegra o ambiente. E, afinal, o mundo é grande demais para caber todo mundo.

A música na minha vida é uma herança de família, que nos liga de geração em geração. Mas a música também nos liga a outras



pessoas que, às vezes, nem conhecemos e são de outros tempos, de outros lugares. Não podemos esquecer que o samba surgiu da mistura dos estilos musicais de origem africana e brasileira, e eu acho que no pagode e no samba não existem preconceitos, porque eles se somam a outros tipos de som justamente para compor o jeito brasileiro de se fazer música.

## DICAS CULTURAIS

Por Isabel Kelly Amorim

### MÚSICA



#### Ellen Oléria

Mulher negra, potente, politizada, talentosa, atriz, cantora: Ellen Oléria. Ellen é uma brasileira forte como os calangos do cerrado e brasileira como sua arte. A cantora mistura ritmos nacionais e internacionais, como funk, samba, jazz, hip hop e MPB, tudo isso com muita poesia e posição política. Com uma musicalidade altamente envolvente, arranjos inovadores e letras que emocionam e fazem pensar, Ellen Oléria se destaca atualmente no cenário cultural brasileiro. Formada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, ela se faz presente principalmente pela sua música. E que presença ela tem!!! Atravessa os palcos, chega às mentes, aos corações e aos corpos dos espectadores, que não ficam parados em seus shows. Ellen é militante e representa alguns importantes movimentos e causas sociais.

#### Santa Maria do Circo

Com cenários pouco convencionais e um eterno tom de humor, o mexicano David Toscana construiu uma belíssima crítica à sociedade contemporânea em seu romance "Santa Maria do Circo" (Ed. Casa da Palavra, 2006). Deserto mexicano, mulher barbada, mágico, anão e halterofilista são alguns dos personagens deste espetáculo, que é composto por situações inimagináveis, emoções, imaginações, crenças e arte. O autor tece sua trama com personagens que representam vários grupos que sintetizam os preconceitos que mais conhecemos. A lona está posta, o picadeiro está montado e os/as artistas estão prontos/as. Garanta seu ingresso e aprecie este espetáculo cheio de sentimentos.

### LIVRO



#### Caramelo

"Caramelo" é uma comédia delicadíssima de origem franco-libanesa (2007): caramelo na cor, caramelo no sabor. Sob a direção de Nadine Labaki, o filme trata de assuntos que envolvem diferentes olhares e situações amorosas, como o adultério, o envelhecimento, a homossexualidade, problemas psiquiátricos e, principalmente, sobre o afeto. Estabelece referenciais diferentes para abordar os temas, tudo com extrema beleza. Em "Caramelo", erotismo se confunde com exotismo e as sensações vão além das gustativas. Saboreie o filme sem moderações, pois apreciar lindeza não engorda.

### FILME





## **SÃO BARTOLOMEU, UM RIO SAGRADO**

### **... E AMEAÇADO**

Por Thallita de Oliveira

É difícil escrever sobre algo tão lindo, mas que, ao mesmo tempo, está sofrendo tanto. O rio São Bartolomeu é o maior do Distrito Federal (DF) e tem enorme importância para o País. É um manancial formado a partir dos rios Mestre D'Armas e Pipiripau, que garante o abastecimento de água atual e futuro do DF.

Porém, mesmo com tanta beleza e tamanho valor, o rio vem sendo violentado ao longo dos anos. Um dos motivos é a exploração de minério e areia, que trouxe a ocupação desordenada de suas proximidades e, com isso, a degradação do ambiente e a devastação das matas ciliares.

A bacia hidrográfica do rio São Bartolomeu drena a maior parte da área do DF e é subdividida nas microbacias do Alto, Médio e Baixo São Bartolomeu. O Baixo São Bartolomeu está em parte dos municípios de Luziânia e Cristalina (GO); o Médio engloba a cidade de São Sebastião e os municípios de Cidade Ocidental e Luziânia (GO); e o Alto abarca Planaltina, Sobradinho e Paranoá, cuja região apresenta os maiores impactos socioambientais e econômicos, resultado de uma ocupação humana desordenada, o que gera perda da sua biodiversidade.

#### **OS MUITOS SIGNIFICADOS DE UM RIO**

Ao visitar as comunidades do São Bartolomeu, percebemos outra realidade, outro jeito de ser. Para as pessoas do Vale do Amanhecer, por exemplo, o rio tem um papel central na espiritualidade. Já no povoado de São Bartolomeu, a maioria dos moradores não entende a relevância do rio para a vida da comunidade. Um dos adolescentes de lá citou a extração de areia para as obras do Distrito Federal como uma das causas de degradação do rio. "Além da areia, ali se explora os homens", completou.

A água que abastece o povoado de São Bartolomeu vem de uma mina, não é tratada, e os próprios moradores não querem o saneamento básico porque, hoje, a água é gratuita. Contudo, quando a água acaba, geralmente em agosto, eles usam o rio para tomar banho, lavar roupa e várias outras coisas. Mesmo sabendo que eles podem precisar do rio para uso direto, os próprios moradores jogam lixo no rio e promovem muitas queimadas próximas a ele.

No Vale do Amanhecer, a situação é diferente. Há abastecimento regular, saneamento básico, mas o povo ainda não conhece a origem da água que chega às suas casas. Quando perguntamos aos moradores da localidade qual era a origem da água na região, eles não titubearam em responder: "Da Caesb!", referindo-se à Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal. Os estudantes também relataram casos de chacareiros que puxam a água do rio para regar suas terras, que lavam carros na beira do rio e jogam animais mortos em suas águas.

O povoado de São Bartolomeu e o rio estão esquecidos. Não constatamos políticas públicas para a efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes, nem para preservar o rio, muito menos para beneficiar a comunidade com o saneamento básico, sabendo que isso é essencial para a qualidade de vida de toda a população.

#### **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Os moradores do povoado de São Bartolomeu relataram que, há uns 50 anos, assim que se instalaram na região, o rio era bem melhor, mais bonito, não era poluído, tinha muitos peixes e havia muitas árvores ao seu redor. Contaram ainda que, antigamente, viviam da pesca. Hoje, já não se vê peixe algum, o desmatamento aumentou e a água está turva, com espuma e cheiro forte.

#### **O POLÊMICO E NOVO CÓDIGO FLORESTAL**

Na noite de 24 de maio de 2011 a Câmara dos Deputados aprovou, por 410 votos a 63, a proposta do novo texto para o Código Florestal Brasileiro (PL 1.876/99), apresentada pelo seu relator, deputado Aldo Rebelo (PCdoB/SP).

O projeto é polêmico. Um dos pontos preocupantes é que os estados poderão definir quais são as atividades que justificam a legalização das áreas desmatadas. E o proprietário que desmatou além do permitido e foi autuado antes de 22 de julho de 2008 terá suas multas suspensas. Outra mudança é a que diz respeito às Áreas de Preservação Permanente (APPs). Segundo o projeto, os rios até dez metros de largura devem ter uma faixa de proteção ambiental de somente 30 metros. No entanto, no caso de lugares onde o desmatamento foi maior, a recomposição obrigatória passa a ser de 15 metros. Ambientalistas e deputados contra a proposta de Aldo Rebelo acreditam que o novo texto incentiva a violência no campo, pois não trata da reforma agrária e não regulariza a questão da grilagem de terras pelo País.

Até o fechamento desta edição, o projeto estava sendo analisado pelo Senado. Caso seja alterado pelos senadores, voltará para a Câmara. A presidenta da República, Dilma Rousseff, ainda pode vetar todo o projeto de lei ou apenas alguns artigos específicos. Na noite da votação na Câmara, o líder do PT, deputado Cândido Vaccarezza, disse que a presidenta não hesitaria "em usar as suas prerrogativas constitucionais para proteger o meio ambiente". Estamos de olho!



Percebemos muitas plantações de eucaliptos na região de Cristalina, próxima ao povoado de São Bartolomeu – uma forte ameaça para a biodiversidade, pois, além de não ser nativo do cerrado, o eucalipto espanta a fauna e altera o solo. O problema é que muitos moradores vivem dessas plantações. Por isso, é necessário que se trabalhe bastante a questão do desenvolvimento sustentável. Mas o que é isso?

Segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações.

#### O QUE FAZER?

No caso da ameaça à bacia de São Bartolomeu, as prefeituras dos municípios pelos quais o rio passa, os governos distrital e federal, bem como as comunidades que moram próximas ao rio São Bartolomeu e às áreas de preservação têm que pensar juntos o que se deve fazer para que a região se desenvolva respeitando as necessidades das pessoas e do meio ambiente.

Algumas ações já vêm sendo desenvolvidas na região. No dia 10 de junho deste ano, foi inaugurado o Centro de Recuperação Ambiental Viveiro do Cerrado Alto Rio São Bartolomeu, para dar início às plantações de um milhão de mudas nativas do cerrado e ao reflorestamento de pelo menos 500 hectares de áreas degradadas, por meio da educação ambiental e da sensibilização das comunidades locais. O projeto é desenvolvido pela Fundação Banco do Brasil, em parceria com a Fundação Pró-Natureza – Funatura.

Os/as adolescentes também têm propostas: criação de parques de preservação em torno do rio, plano de reflorestamento e a adoção de educação ambiental para que as comunidades desenvolvam a consciência de que todo este patrimônio natural, que é nosso, seja devidamente cuidado.



Alto São Bartolomeu



Templo do Vale do Amanhecer



Baixo São Bartolomeu



Povoado de São Bartolomeu

## DE QUE NO ORÇAMENTO

Ação	Autorizado	Lei	Executado
18.542.0500.2114.6111 Execução da política ambiental	3.315.055,00	576.660,00	0,00
18.542.0500.3068.0001 Implantação do Programa de Monitoramento das Areas de Risco Ambiental no Distrito Federal	0,00	200.000,00	0,00
18.541.0500.6341.0004 Apoio a implantação da AGENDA 21 do Distrito Federal	212.314,00	194.400,00	102.313,40
18.544.0500.3066.0001 Consolidação do Projeto Adote uma Nascente	113.979,00	139.540,00	65.878,76
18.451.1350.3022.0005 Recuperação ambiental no Distrito Federal – Águas do DF	548.000,00	998.000,00	0,00
18.541.0500.2654.0001 Consolidação da reserva da biosfera do cerrado e corredores ecológicos	209.052,00	593.826,00	98.707,50

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.



# SOS SAÚDE

Argumento  
Brenda  
Ilustração  
Eli Souza Pereira



## de êlhô no orçamento

Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
10.302.0214.3307.9706 Construção do Hospital de Santo Antonio do Descoberto	1.250.000,00	6.000.000,00	0,00
10.301.0214.3044.0001 Construção de unidades de atenção primária em saúde	0,00	5.000.000,00	0,00
10.301.0214.3487.9697 (EP) Reforma, ampliação e melhoria do Hospital Regional de Taguatinga	5.869.400,00	100.000,00	164.538,68



Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
10.301.0214.3266.9696 (EP) Construção de um centro de saúde na QS 11 do Areal ; construção de um centro de saúde na QNJ 44 Taguatinga norte; construção do Centro de Saúde Escola do Paranoá e construção de galpão e laboratório no Centro de Saúde do Guará	0,00	400.000,00	0,00
10.301.0214.3487.8498 Reformas e ampliação em Unidades de Atenção Primária em Saúde	30.851.461,00	5.605.000,00	93.910,86



# À PROCURA DA REINVENÇÃO: A JUVENTUDE E SUAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO



1

mudança, a atitude e a ousadia jovem

Modelo de comunicação jovem e referência no Brasil, a Viração é uma organização não-governamental (ONG) de educomunicação, sem fins lucrativos, criada na capital paulista em 2003. Educomunicação é uma forma de educar e comunicar, ao mesmo tempo, que utiliza produtos e estratégias de comunicação. A iniciativa pressupõe que o conhecimento é de tod@s e para tod@s. O carro-chefe da organização é a revista impressa Viração, publicada mensalmente com a participação de jovens das cinco regiões brasileiras (são 23 conselhos editoriais, incluindo o DF). Além da revista, a Viração promove cursos de comunicação feitos para jovens, por jovens e com jovens em escolas, grupos e comunidades. A Viração foi a inspiração para o Inesc fazer a Revista Descolad@s.

[www.viracao.org](http://www.viracao.org)



2

um programa de televisão feito por jovens e para @s jovens

Exibido semanalmente pela TV USP, o “Quarto Mundo” já está no ar há três anos. É um projeto da Universidade de São Paulo e da Viração. Integrado por jovens e adolescentes de escolas públicas e particulares da Grande São Paulo, que recebem formação técnica em audiovisual e jornalismo, o programa é produzido de maneira educomunicativa. Os participantes do projeto têm de 13 a 21 anos, são estudantes do ensino médio e constroem o programa desde a pauta, passando pela apresentação, pela gravação e pela edição, abordando temas relacionados à juventude. Não se preocupe: quem não é de Sampa também pode acompanhar o programa pelo YouTube.

<http://tinyurl.com/quartomundo>

Pedro Couto

Eles e elas estão por aí e não são pouc@s. Em revistas, rádios e (pasmem!) até mesmo em programas de televisão, jovens do Brasil inteiro reinventam a maneira de fazer a comunicação. Chega da "receitinha" e das fórmulas antiquadas de se fazer ouvir e dizer: estes jovens estão com a boca no trombone! E a mão no mouse, o dedo no teclado, o lápis na caderneta, a câmera na mão...

Comunicação e juventude têm tudo para dar certo – e muitas vezes dão –, mas nem todo mundo sabe onde estão essas experiências que inovam e fogem de padrões conservadores. O que vale é divulgar ideias e dialogar com autenticidade, senso crítico, sensibilidade, consciência e ação, de jovem para jovem!

Há, sim, alternativas para a mídia careta e tradicional. As atividades de consumir e produzir informação são possibilidades reais com a tecnologia e a internet (não precisamos nos render à Rede Globo e ao seu modelo de jovem à la "Malhação").

A Revista Descolad@s apresenta algumas experiências de jovens comunicadores/as pelo Brasil.



3

### “Voz da Comunidade”

Qual é o poder de uma rede social da internet? É muuuuito grande. Um exemplo dessas redes é o twitter. Rene Silva, de 17 anos, resolveu criar em 2005 o “Voz da Comunidade”, que surgiu a partir de um projeto de jornal escolar. O jornal tinha circulação pequena, apenas em sua comunidade, o Morro do Alemão, no Rio

## Imagens do Povo

4

um outro olhar sobre a favela

O “Imagens do Povo” é, desde 2004, um projeto do Observatório de Favelas, organização da sociedade civil que procura contribuir para a ampliação do exercício da cidadania e da visão crítica entre moradores/as de favelas do Rio de Janeiro.

O público é composto especialmente por jovens do Complexo da Maré. Por meio da fotografia, os/as jovens lançam um olhar “de dentro” sobre o cotidiano das favelas, levando em conta o respeito aos direitos humanos, a sensibilidade e o senso crítico d@s fotográf@s aprendizes.

[www.imagensdopovo.org.br](http://www.imagensdopovo.org.br)



5

### O Artefeito e o grafite

Grafitas e grafitas do Artefeito, do Rio de Janeiro, falam e pintam sobre o sexismo – discriminação pelo sexo – por meio do poder de comunicação da arte pública do grafite. O coletivo foi formado em 2008, durante seu primeiro projeto (“Grafitas pela Lei Maria da Penha”), primeiramente por mulheres, mas logo as discussões acerca do sexismo também tiveram a adesão de homens. Hoje, a galera do Artefeito realiza a campanha “Arte Pense – Graffiti por uma educação não sexista”, que, além do grafite nos muros, traz oficinas e expõe em telas o que os grafitas questionam sobre os processos educativos e a discriminação de gênero.

[www.artefeito-cultura.blogspot.com](http://www.artefeito-cultura.blogspot.com)

de Janeiro, mas, quando Rene ampliou o jornal para o twitter, conseguiu milhares de leitores/as.

Foi a partir do @vozdacomunidade que ele cobriu a invasão da PM ao Morro do Alemão, dando a visão “de dentro” do acontecimento, e se tornou “fonte” para vários veículos. As redes sociais são importantes para se ver o outro lado da moeda de várias situações; afinal, quem está por trás delas não tem a formalidade imposta pelos veículos tradicionais de mídia, nem o compromisso com uma linha editorial preestabelecida, mas sim com o seu modo genuíno de ver o mundo.

[www.twitter.com/vozdacomunidade](http://www.twitter.com/vozdacomunidade)

## A COMUNICAÇÃO COMO DIREITO HUMANO

Comunicar quer dizer também tornar comum – e tornar comum é fazer saber. O que nos diferencia de outros seres vivos é exatamente o fazer saber ou, em outras palavras, a comunicação. Somos humanos porque nós nos comunicamos a partir de uma linguagem codificada e convencionada em um meio cultural e social. E esta comunicação criada, vivenciada e reinventada a cada dia pelos seres humanos é única em nosso planeta, porque é qualidade exclusiva de nossa existência. A comunicação nos humaniza e, portanto, nos faz pertencer a uma história e a uma memória. Esta, na verdade, seria a situação ideal, uma comunicação humana e plural.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos diz o seguinte: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (art. XIX).

Dizer que a comunicação é um direito humano é bem mais do que reivindicar a liberdade de expressão e o direito à informação: é ter acesso a todos os meios de produção, mediação e veiculação da informação; é possuir as condições técnicas, materiais e simbólicas para ouvir e se deixar ouvir; é ter o conhecimento preciso para estabelecer independência e autonomia em relação aos meios de comunicação, aplicando-se a tod@s, indistintamente. A comunicação, a mais amplamente humana, é sinônimo de diálogo, equidade e pluralidade.

Para Jacson Segundo, do Coletivo Intervezes e do Observatório do Direito à Comunicação, não basta ter liberdade de expressão nem acesso a uma vasta gama de fontes de informações. “É preciso atuar contra as diferenças econômicas, sociais e políticas que fazem que tão poucos tenham condições de ser produtores e difusores de informação”.

### Saiba mais:

<<http://www.intervezes.org.br/>>.  
<<http://www.direitoacomunicacao.org.br/>>.  
<<http://www.fndc.org.br/>>.  
<<http://www.excelencias.org.br/>>.

## O MONOPÓLIO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

A comunicação é uma das bases para o poder. Quando os meios de comunicação são controlados por poucos, não há pluralidade de ideias ou pontos de vista. Para falarmos em democratização dos meios de comunicação, não é possível que estes sejam exclusivos de uma elite político-empresarial. Você sabia que os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio? Isso está no parágrafo 5º do artigo 220 da Constituição Brasileira. Tanto o monopólio como o oligopólio são formas de exclusividade que impedem a competição e, portanto, a pluralidade de ideias.

De acordo com um relatório, ainda de 2006, do Epcom (Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação) e do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação, que retrata a concentração da mídia no Brasil, seis redes privadas nacionais dominam o mercado de TV (cujo patrimônio é estimado em US\$ 3 bilhões), por intermédio de 138 grupos afiliados, que controlam 668 veículos (TVs, rádios e jornais), instrumentos de poder regional e nacional. O fato de que seis redes controlam mais de 600 veículos de comunicação é um exemplo de oligopólio escancarado!

Além do monopólio, há o fato de que muitos parlamentares são donos de rádios e TVs. Segundo o "Projeto Excelências" (da Transparência Brasil), neste ano, 21% do Senado Federal é composto por parlamentares que detêm alguma concessão de rádio ou TV: José Sarney, Fernando Collor e Gim Argello são alguns desses concessionários. O que isso contribui para deixar a opinião pública mais esclarecida quanto aos assuntos políticos? Tá na hora de mudarmos de canal...



de elite no orçamento			
Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
11.331.1463.4063.0003 Capacitação de profissionais na área de comunicação (COMUNICA DF)	0,00	84.400,00	0,00
13.392.1300.2007.9261 (EP) Apoio ao 7º Prêmio Engenho de Comunicação - O dia em que o jornalista vira notícia	0,00	150.000,00	0,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.



# "Criança não trabalha, \* criança dá trabalho..."

Por Ludmilla Rodrigues da Silva

## MARIAAAAAAAAAA!

Meu nome se tornava uma tortura pela manhã. Minha mãe fala para arrumar isso e aquilo. É sempre assim. No fim, meu tempo se esgota pelo trabalho. Minha mãe diz que menina de 11 anos já tem que cuidar da casa, lavar louça, limpar o chão e muito mais. Nestes dias, minha madrinha (que eu nem conhecia) me chamou para morar com ela na capital, para que eu possa frequentar uma escola melhor. Minha mãe e o meu pai deixaram, até mesmo porque ela sempre quis uma boa educação para mim.

*Basis, caderno, chiclete, pão, sol, bicicleta, skate, calção...*

Era ótimo saber que eu teria uma vida diferente. Imaginei tantas coisas que mudariam... Eu poderia estudar, brincar, conhecer novos amigos... Seria muito melhor! Chegou o dia da mudança e lá fui eu, tão animada que meus pais até ficaram sem jeito com tanta alegria [risos]! Mas, quando eu cheguei, minha madrinha logo me passou algumas regras, do tipo: depois de voltar da escola, eu teria que lavar toda a casa, limpar os móveis, lavar a louça, passar roupa e ir à praça para vender alguns doces que ela fazia. Era cansativo!!! Ah, minha madrinha tem duas filhas, uma de 9 e a outra de 5 anos, e era eu quem cuidava delas enquanto a madrinha não estava. Mas a cada dia estava ficando mais difícil cuidar da casa e das crianças.

*Escondendo, avião, correria, lambor, gritaria, jardim, confusão.*

Na escola, estava tão bom que, quando acabava a aula, eu ficava até triste por não ter mais com quem brincar. Minhas amigas reclamavam que não podiam sair até que fizessem os deveres... Em casa, algumas também ajudavam suas mães, mas era diferente. Arrumavam suas camas, lavavam seus pratos, varriam

A história de Mariana é fictícia, mas baseada em fatos reais. Embora o trabalho antes dos 16 anos seja proibido no Brasil, 400 mil crianças e adolescentes trabalham de forma irregular no cenário doméstico. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (2009) mostram que ainda há 4 milhões e 200 mil crianças e adolescentes de 5 a 17 anos trabalhando no Brasil, o que significa quase 10% da população desta faixa etária. Além disso, 123 mil destas crianças têm apenas entre 5 e 9 anos de idade! Dos 5 a 13, são 903 mil!

A lei só permite o trabalho a partir dos 14 anos se for como aprendiz, com carteira assinada, e mesmo assim com uma carga horária teórica e prática que prepare o/a jovem para uma profissão e que não lhe atrapalhe os estudos.

Para a secretária executiva do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, Isa Maria de Oliveira, as causas estão ligadas, principalmente, à pobreza. "Se a família está numa situação de pobreza, cabe ao Estado garantir condições para ela proteger seus filhos, mesmo que seja com transferência de renda".

Isa pondera, porém, que houve avanços. Em 1996, foi criado o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti). As famílias recebem uma bolsa para manter a criança na escola e fora do

trabalho. Hoje são 3.700 municípios que têm o programa, que atende a 870 mil crianças.

Apesar de problemas de gestão e de cortes no orçamento do programa, o Peti impactou bem. De 1995 a 2002, o trabalho infantil caiu quase pela metade, considerando-se a faixa de 5 a 17 anos. De lá para cá, a curva de redução do trabalho infantil vem se mantendo, mas a redução é lenta e pouco expressiva. "Se forem mantidos os índices atuais de redução, o Brasil não cumprirá a meta de erradicar todas as formas de trabalho infantil até 2020", alerta Isa.

A secretária do Fórum considera que o programa foi ineficaz no trabalho com as famílias. "Elas ficaram dependentes da bolsa. Faltou uma política de promoção das famílias".

Isa afirma que os valores culturais são outro obstáculo para acabar de vez com o trabalho infantil doméstico, já que muita gente ainda acha que se trata de "uma ajudinha", uma "oportunidade" para as crianças e os/as adolescentes pobres.

Há vários prejuízos para as crianças e os/as adolescentes que estão no trabalho infantil: danos físicos, mau desempenho na escola, discriminação, falta de conhecimento de seus direitos e deveres, risco de violência doméstica e sexual e, acima de tudo, a perda da infância.

suas casas. E só. Eu nunca tive “tempo” para fazer deveres, porque trabalhava pesado da hora que chegava da escola até a hora de dormir, e se eu parasse de cumprir as tarefas da casa, a madrinha teria aqueles momentos de fúria e bateria em mim.

*giz, merthiolate, band-aid, sabão, tênis, cadarço, almofada, colchão.*  
Na escola, a professora reclamava de minhas notas, e eu reclamava de meu tempo, que parecia não existir mais: era escola, casa e, no fim, estava cuidando das crianças. A escola oferecia cursos de dança, teatro e muitos mais, mas eu nunca participava deles. A madrinha dizia que um dia eu iria fazer tudo isso, mas até agora não fiz nada.

*Banque de areia, gnomo, sereia, pirata, baléia, manteiga no pão.*  
Comecei a sentir uma saudade enorme de meus pais, mas eles ligavam e minha madrinha dizia que eu estava muito bem, estudando bastante, e nunca me deixava dizer pelo menos um “oi” para eles. Toda hora era algo diferente para eu fazer. Se o serviço não ficava do jeito que ela desejasse, era surra na certa. Chegou uma hora em que eu me perguntei: “Para que fazer tudo isso? E por que só eu e ela não?!”.  
*Quebra-cabeça, boneca, peteca, botão, pega-pega, papel, papelão.*

O que está ruim pode ficar pior. Minha madrinha mudou de casa e de telefone, e eu perdi o contato total com meus pais. Tentei fugir, mas para onde? O que eu iria fazer? Quem poderia me ajudar? Eu me senti como se estivesse para sempre presa naquele lugar. E ainda acabei reprovando na escola. Como eu vou cuidar de duas crianças, se EU SOU UMA CRIANÇA e ninguém cuida de mim?  
*Bola, pelúcia, merenda, crayon, banho de rio, banco de mar, sula-sela, lombom.*

Certo dia, vi um cartaz novo no mural da escola. Era um número de telefone para denunciar abusos contra crianças. E eu poderia até ligar de um orelhão, sem precisar de cartão, já que a ligação é gratuita. Eram apenas três números, até decorei: 100. Pensei, pensei muito e fiquei com medo das consequências disso, até que não aguentei mais e liguei.  
*criança dá trabalho... Criança não trabalha,*



✧ “Criança não trabalha”, letra de Arnaldo Antunes e Paulo Tati

Isa explica que essas crianças dificilmente superam a pobreza na idade adulta, ganham menos do que os adultos que não trabalharam na infância e assumem funções menos qualificadas, já que não conseguiram estudar.

Uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos (Dieese), em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), mostra que o trabalho infantil doméstico ainda é muito comum no Brasil e atinge, principalmente, as meninas negras. Em Salvador (BA), por exemplo, 4% das garotas com idades entre 10 e 17 anos são trabalhadoras domésticas.

O direito de ser criança é garantido em lei: direito de estudar, brincar, de ter proteção da família e do Estado, de se desenvolver artisticamente, intelectualmente, etc. Já o/a adolescente tem o direito à profissionalização que garanta futuramente seu acesso ao trabalho digno.

### Como denunciar

O Disque 100 é um serviço do governo federal para denunciar violações de direitos humanos. A denúncia pode ser feita de forma anônima. O Disque 100 é gratuito e atende de forma ininterrupta (nas 24 horas do dia).

de olho no orçamento			
Ação	Autorizado	Lei	Liquidado
08.243.1508.2102.9721 Apoio os direitos da criança e do adolescente	3.258.055,00	100.000,00	190.859,64
08.243.1462.6352.8643 Serviço Especializado de Proteção a Pessoa em Situação de Violência – Prevenção e proteção a situação de exploração e abuso sexual infanto juvenil	530.263,00	542.000,00	261.402,18
08.243.1462.6352.8644 Serviço de enfrentamento e erradicação do trabalho infanto juvenil – busca ativa à população infanto juvenil	0,00	220.000,00	0,00
08.243.1462.6352.8851 Serviço de enfrentamento e erradicação do trabalho infanto juvenil	1.694.074,00	892.000,00	1.040.302,51

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.



# A BELEZA E A DIVERSIDADE DO ESTILO AFRO

Por Joana Piantino

A maioria dos jovens procura adotar um estilo para fazer parte de algum grupo social. Você pode ser do grupo das patricinhas, dos roqueiros, dos skatistas, do grupo com o qual você mais se identificar, até do grupo dos sem grupo. O estilo é o que diferencia e, ao mesmo tempo, iguala as pessoas.

O estilo afro vem ganhando espaço no Brasil e no mundo. É uma forma de expor a beleza e as características dos povos negros. Para alguns, significa um retorno às raízes; para outros, é a afirmação étnico-racial. O estilo não se limita às roupas e aos acessórios, mas é composto também por música, história, ideologia e diversas atividades culturais. É atitude!

Praticado por pessoas de diferentes etnias, pode-se dizer que, além de uma forma de realçar a beleza negra, o estilo afro é uma maneira de tentar diminuir o preconceito. Afinal, não se pode simplesmente aceitar um padrão de beleza imposto: é preciso mostrar as diferenças.

Fugindo-se da ditadura dos cabelos lisos e clareados, no estilo afro são evidenciados os cachos, os dreads, o cabelo black power e as tranças. O estilo confronta a ideia de “cabelo ruim”, tão popularizada no Brasil, e valoriza o volume, a textura, as cores, os jeitos dos vários cabelos e de seus diferentes adereços. Roupas coloridas, brincos e colares grandes e bem ornamentados costumam ser características marcantes do visual.

Na música, a cultura negra tem grandes referências: rap, jazz, reggae, hip hop, funk, blues, soul, percussão e, claro, o samba.

Uma expressão cultural negra bastante conhecida pelos/as brasileiros/as é a capoeira. Trata-se de uma luta que mais parece uma dança, altamente usada e difundida pelos africanos escravizados no Brasil colonial. Ela traz, por meio de suas músicas e histórias, a trajetória de resistência dos/as ancestrais negros/as.

É importante dizer que a cultura afrodescendente não defende a exclusão de pessoas de outros grupos étnico-raciais, mas valoriza a cultura dos povos africanos que vieram ao continente americano à força. Seus valores, suas crenças, suas estéticas fazem o elo com seus ancestrais, suas famílias.

Para a jornalista Juliana Nunes, participante da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial, “não existe uma África, mas várias Áfricas”. Segundo ela, o estilo afro é muito amplo e diverso, pois tem várias origens culturais. “E todas elas ainda trocam informações e colaboram para que o estilo sempre se renove”, explica.

## IGUALDADE DE DIREITOS

Movimentos políticos também fazem parte da luta afro. Vários grupos ao redor do mundo foram e ainda são criados para exigir direitos e igualdade de oportunidades à população negra. Um dos mais importantes foi o dos “Black Panther

Party” (Panteras Negras), uma organização que surgiu em 1966, na Califórnia, em reação à constante violência racista praticada por policiais contra a população negra. Eles/as lutavam por igualdade de direitos e contra a segregação racial.

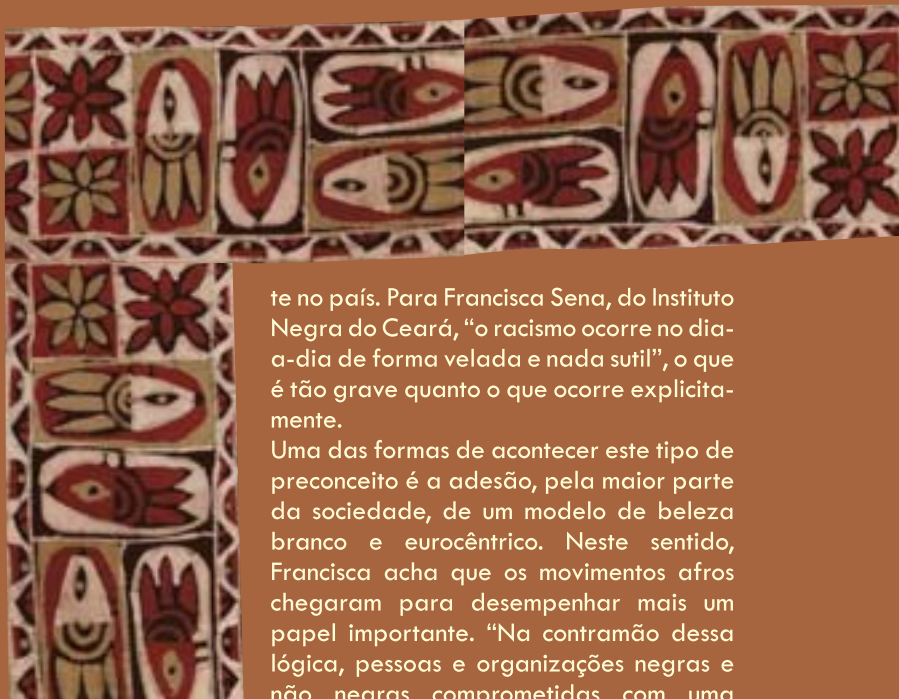
Outro movimento criado na década de 60, nos Estados Unidos, atuava numa linha político-cultural: o “Black is Beautiful” (“Negro é Lindo”, em português), que surgiu para valorizar a beleza negra e reacender a força política de um povo até então massacrado por causa de sua origem e de sua cor. Outro movimento similar que fez sucesso naquela época foi o “Black Power” (“Poder Negro”, em português), também originado nos EUA. Ele exaltava o orgulho racial e incentivava a criação de instituições culturais e políticas para que as pessoas se organizassem, garantindo autonomia ao povo negro.

No Brasil, dos quilombos aos movimentos negros atuais, muitas histórias e lutas se passaram. No teatro, diante da escassa presença de personagens negros e dos repetitivos papéis de malandros e inconsequentes atribuídos aos raros negros presentes na dramaturgia brasileira, Abdias Nascimento (1914 – 2011) criou o Teatro Experimental do Negro. O objetivo era incluir o/a negro/a como temática, como criador/a cênico/a e intérprete. Abdias foi um dos maiores defensores da cultura e da igualdade para as populações afrodescendentes no Brasil. Ele foi deputado federal e senador da República.

## O BRASIL É RACISTA ?

Embora o preconceito racial seja um assunto tratado mais abertamente do que antes – e a lei que criminaliza o racismo tenha 22 anos –, o preconceito é uma prática bastante presen-





te no país. Para Francisca Sena, do Instituto Negra do Ceará, “o racismo ocorre no dia-a-dia de forma velada e nada sutil”, o que é tão grave quanto o que ocorre explicitamente.

Uma das formas de acontecer este tipo de preconceito é a adesão, pela maior parte da sociedade, de um modelo de beleza branco e eurocêntrico. Neste sentido, Francisca acha que os movimentos afros chegaram para desempenhar mais um papel importante. “Na contramão dessa lógica, pessoas e organizações negras e não negras comprometidas com uma

sociedade antirracista denunciam a imposição de uma ideologia do 'branqueamento', assim como praticam e defendem uma experiência de vida que valorize nossa memória, nossa história, vindas do além-mar”, explica.

Para a filha de Francisca, Vitória Sena, de 11 anos, estilo afro “é quando alguém se inspira na África para escolher um jeito de ser”.

## CULTURA E ESTILO AFRO EM BRASÍLIA

Uma loja que divulga a cultura negra em Brasília é a Negro Blue, no Conic (Setor de Diversões Sul). Lá são vendidas camisas com imagens de heróis, músicos, revolucionários, escritores, atletas e outras personalidades negras que fizeram e fazem história.

Cislene Shadowap é gerente da loja e acha que o que diferencia o estilo afro da cultura negra é que esta fala mais da origem, mostra as raízes, enquanto aquela é mais urbana, mais moderna. O entra-e-sai da loja o dia todo, inclusive aos sábados e domingos, mostra que o estilo afro está em alta. Também localizado no Conic está o salão Rainha de Sabá, cujo nome foi inspirado em uma rainha negra que gostava de fazer vários penteados diferentes com trança. O espaço é especializado em tranças, dreads, apliques, rastafáris e permanentes para cachos. Além disso, tem como objetivo levar as pessoas



negras a valorizar seus cabelos. Quem trabalha lá diz que as tranças fazem sucesso com várias pessoas, e não só com negros e negras.

Na Asa Sul, em Brasília, existe outro local que divulga o estilo afro na cidade: o Bazafro. Ele existe há 20 anos e começou como algo temporário, mas fez muito sucesso, e a dona, Lydia Garcia, não parou mais. A ideia inicial era trabalhar com produtos que valorizassem a cultura afrodescendente, mas, com o tempo, o local passou a ser também um espaço de discussão política, cultural e social com base nessa temática. Lá são vendidas roupas como túnicas, batas e turbantes de várias cores e estilos. “As roupas juntam tecidos africanos e brasileiros”, explica Lydia. Segundo ela, a moda afro é muito ampla e sofre adaptações de acordo com cada região. As pessoas que moram no deserto, por exemplo, usam roupas diferentes das que moram em países litorâneos, e todas elas fazem parte do mesmo estilo. Adotar um estilo pode, muitas vezes, mostrar a identidade da pessoa, o seu gosto musical ou alguma ideologia, como aprendemos aqui com o estilo afro. Porém, seguir uma determinada linha ou um grupo não é algo obrigatório. O importante mesmo é respeitar e admirar as diferenças que existem entre tudo o que vemos por aí. Isso, sim, é ter estilo!

## DE OLHO NO ORÇAMENTO

Ação	Autorizado	Lei	Executado
14.422.0208.6199.9610 Apoio a Programa de Política de Apoio a Igualdade Racial. COPIR	0,00	100.000,00	0,00
14.422.1451.9035.0001 Coordenação e execução dos programas da igualdade racial	0,00	506.400,00	0,00
14.422.1451.9035.9611 Apoio a projetos para assuntos de igualdade racial	0,00	80.000,00	0,00
14.422.1501.2573.9612 Projetos da Coordenação para Assuntos de Igualdade Racial e projetos do Conselho de Defesa dos Direitos do Negro, da Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do DF.	0,00	200.000,00	0,00
13.392.1300.2007.9354 (EP) Fórum Internacional da Cultura Negra	0,00	800.000,00	0,00

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesa referente à Lei Orçamentária Anual (LOA/2010) do Distrito Federal. Relatório emitido em 2011. Valores em R\$1,00.





# COMO SE COME UM BEIJU N

50 ANOS DE CRIAÇÃO  
DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU

Fotos Lila Rosa





# ALTO XINGU

Aldeia Yawalapiti/Alto Xingu-MT



TIX – Terra Indígena do Xingu  
Área: 2.642.003,9374 ha



Saiba mais: [www.socioambiental.org.br](http://www.socioambiental.org.br) • [www.brasiloste.com.br/xingu](http://www.brasiloste.com.br/xingu) • [www.olharindigena.com.br](http://www.olharindigena.com.br)



# QUERER É PODER, SIM!

O papel dos jovens na revolução do Egito

Por Paula Castillo

Após um período de 30 anos de ditadura, o povo egípcio participou, no começo deste ano, de um intenso protesto de quase 20 dias de guerra, opressão e resistência popular, o que ocasionou a queda do presidente e ditador, Hosni Mubarak. Grande parte dos protestos ocorreu na praça Tahrir, no centro da capital, Cairo, entre outras cidades muito populosas do país. Mubarak renunciou em fevereiro e responde pelas mortes de pelo menos 800 manifestantes.

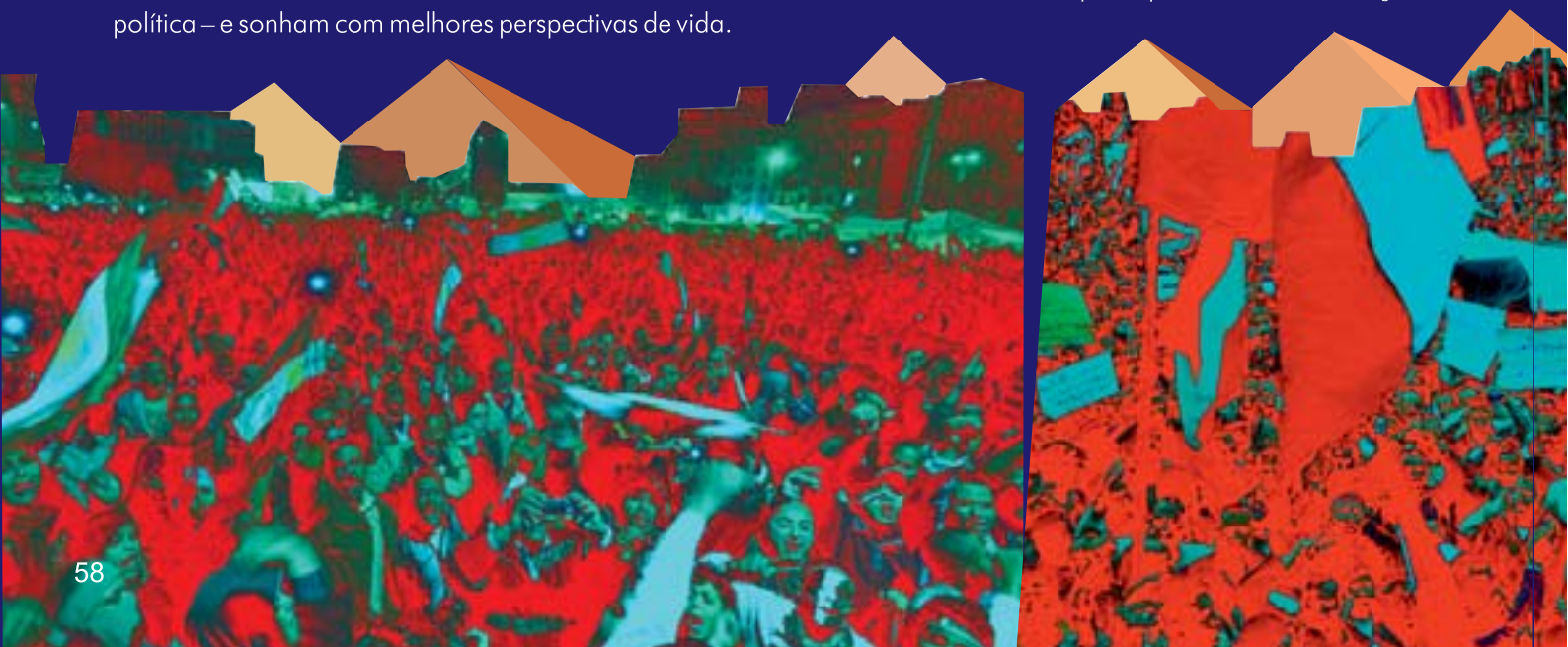
Tudo começou com um jovem tunisiano, Mohamed Bouazizi, de 26 anos. Ele, que tinha formação universitária, foi forçado, pela falta de oportunidades na sua profissão, a vender frutas e verduras sem licença. Em protesto contra o confisco dos produtos que vendia, Bouazizi ateou fogo ao seu próprio corpo. Depois de ficar alguns dias em coma, o jovem não resistiu às queimaduras. Sua atitude de autoimolação gerou uma revolta popular, que ocasionou a deposição do presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali. A onda de protestos que derrubou o ditador Ben Ali, que estava há 23 anos no poder, também chegou ao Egito, à Líbia e a vários países do Oriente Médio e do Norte da África.

A juventude árabe teve um papel fundamental na revolução. Jovens que, por sinal, sofreram muito – com o desemprego, a corrupção, a violência policial e a impotência política – e sonham com melhores perspectivas de vida.

Tanto na Tunísia quanto no Egito, o desemprego entre pessoas com ensino superior é maior do que a média nacional (15% e 12%, respectivamente). Desde 1990, a taxa de matrícula nas faculdades passou de 14% para 28%, no Egito, e de 8% a 34%, na Tunísia. No Egito, cerca de 90% dos desempregados têm menos de 30 anos.

Para a pesquisadora Adriana Saraiva, que estuda o ativismo juvenil no mundo, os jovens rebelados participaram ativamente da organização dos protestos por intermédio das redes sociais (como Facebook e Twitter) e por celular. Sua opinião é compartilhada por Manuel Castells, sociólogo espanhol estudioso das novas tecnologias de informação e comunicação. Ele explica que, embora alguns analistas digam que apenas uma pequena parcela da população esteja conectada à internet, cerca de 40% dos egípcios maiores de 16 anos estão conectados, sendo que entre os jovens urbanos o acesso é de 70%.

Durante os dias de protestos no Egito, sinais de celulares e da internet no país foram cortados, violando o direito à liberdade de expressão e de manifestação. Além disso, houve bloqueio à imprensa e ataque violento a repórteres. Tropas de choque foram usadas contra manifestantes. Correspondentes estrangeiros chegaram a ser duramente ameaçados, como representação de um perigo ao poder constituído. Como se pode perceber, a informação tem



um papel fundamental na transformação política, e sua circulação sem controle assusta os poderosos.

**A MOBILIZAÇÃO NÃO COMEÇOU ONTEM** Adriana Saraiva conta que o processo de mobilização para a derrubada de Mubarak começou por volta de 2008, quando ocorreu uma greve geral em protesto pela alta dos preços dos alimentos. Saraiva explica que muitos dos movimentos sociais contemporâneos com atuação intimamente ligada à internet e às redes sociais têm características próprias: “As decisões não costumam acontecer sem que haja uma aprovação dos demais membros. Enquanto não for um consenso, não é decisão”. Segundo ela, o movimento não é partidário, não é institucional, não busca assumir o poder governamental e nem possui liderança: “Todos pensam, todos fazem”.

A internet expande o mundo, trazendo conhecimento, que gera educação. É importante lembrar também que, na rede, é preciso saber procurar o que se quer achar. Além disso, a internet pode ser uma forma de vigiar os poderosos.

Como lembra Castells, é inegável a conexão existente entre o poder e a comunicação, tanto no plano individual quanto no coletivo. Além disso, segundo ele, o acesso à informação é fundamental para que as pessoas formem suas opiniões e ideias. A forma como pensamos, por sua vez, determina o que fazemos. Já o que fazemos favorece este ou aquele interesse no poder.

“A internet como meio de comunicação foi fundamental para a eclosão e a estruturação das mobilizações no Egito. Quando o serviço foi cortado, o boca-a-boca e os cartazes – do tipo ‘reunião hoje a tal horas, em tal lugar’ – fizeram a conexão entre os insurgentes”, comentou Adriana.

Pode-se dizer que, nos dias de hoje, a organização política facilitada pela internet possibilita a geração e o fortalecimento de laços de companheirismo e militância.

**EGITO HOJE** Depois que o presidente Hosni Mubarak foi deposto, em 11 de fevereiro de 2011, o Egito se prepara para as eleições legislativas. Ainda não há data exata prevista para as eleições presidenciais. No processo de transição, o país está sendo governado por um conselho militar, que irá, após as eleições de setembro, entregar o poder a um governo civil.

A Irmandade Muçulmana, o movimento de oposição, de caráter religioso, mais bem organizado do país, já anunciou que pretende concorrer a pelo menos metade das cadeiras do Parlamento egípcio. Para isso, foi criado um novo partido, chamado Liberdade e Justiça. Já o partido do ex-ditador, Democrático Nacional, foi dissolvido em abril após determinação da Justiça. Também de acordo com uma nova lei egípcia, para que um novo partido seja criado, é necessária a aprovação de 5 mil membros de pelo menos 10 das 29 províncias do país. Enquanto isso, embora não aparentem almejar tomar o poder, os insurgentes permanecem atentos, manifestando-se em praça pública toda vez que desconfiam de manobras por parte da junta governante.







## LGBT no Brasil, a caminho da cidadania plena!

Kelly Kotlinski Verdade\*

Sim! Direitos para todos e todas! Ótimas notícias no nosso Brasil: o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, em maio de 2011, que homossexuais e heterossexuais têm os mesmo direitos.

Antes dessa decisão, lésbicas e gays, por exemplo, não tinham o direito de registrar num cartório uma união civil, nem o Estado brasileiro reconhecia uma união entre homossexuais como uma entidade familiar (no máximo, como uma sociedade sem direito às proteções de uma família).

Um casal de lésbicas era visto pelo Estado para pagar impostos, mas na hora em que o mesmo casal buscava pleitear seus direitos – como a garantia de uma partilha justa de bens na hora de uma separação ou de uma pensão ou mesmo no momento de garantir a adoção de uma criança –, o Estado dizia que a relação delas não existia, não era reconhecível, não era registrável e, portanto, essas pessoas não tinham esses direitos.

O Estado dizia: "se você for heterossexual, eu garanto a você todos esses direitos, mas se você não é heterossexual, eu não garanto esses direitos". Ou seja, existia uma discriminação em função da orientação sexual da pessoa. Por isso se dizia que um homossexual era um cidadão de segunda categoria, quer dizer, um cidadão com menos direitos.

Sem dúvida que essa situação de discriminação era muito grave. Pois quando o Estado discrimina, ele dá o exemplo à sociedade de que ela também pode discriminar.

Infelizmente, o Brasil ainda é um dos países mais violentos e discriminadores de homossexuais, e não se pode dizer que tanta violência e discriminação social não foram, pelo menos em parte, não apenas toleradas como incentivadas pelo Estado, que fazia de conta que homossexuais não existiam.

A ministra Cármen Lúcia, do STF, afirmou na audiência de maio: "Há direitos a serem concedidos, sim, pois há violências que acontecem por conta dessa ausência de direito. Todas as formas de preconceito merecem repúdio, especialmente de juízes de Direito".

As pessoas, quer gostem ou não, devem reconhecer que os homossexuais existem, que os casais se juntam, formam suas famílias e precisam ter seus direitos garantidos.

Como disse o também ministro do STF, Celso de Mello: "Ninguém pode ser privado de seus direitos ou sofrer qualquer restrição de ordem jurídica devido à sua orientação sexual. Os homossexuais têm direito de receber a mesma proteção das leis e do sistema jurídico".

Com este entendimento, os ministros da Suprema Corte decidiram que casais homossexuais constituem família e que todos os direitos decorrentes dessa entidade familiar devem ser garantidos, tal como aos casais heterossexuais.

De todo modo, essa decisão é judicial e, portanto, tem limites. Em princípio, se um casal homossexual não consegue registrar sua união civil em um cartório ou tem o seu direito à adoção negado, por exemplo, precisaria então recorrer à Justiça e ajuizar uma ação no STF, para que a Justiça lhe garanta esse direito.

O ideal é que o Congresso Nacional se inspire na decisão do Judiciário e aprove uma lei específica que encerre definitivamente as chances de discriminação e preconceito contra homossexuais no Brasil.

Essa decisão não ocorreu de um dia para o outro: foi fruto de muita luta dos movimentos LGBT, de muitos debates públicos e da postura corajosa e cidadã de muitas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais brasileiros/as, que diariamente enfrentaram a discriminação, exigindo seus direitos.

A decisão do STF simboliza nosso maior entendimento sobre esse tema. Ela é educativa, promove os direitos humanos, a igualdade e a liberdade, além de representar um avanço para o Brasil.

Pense bem: alguém perdeu algum direito com essa decisão? Alguém foi prejudicado com o reconhecimento dos direitos dos homossexuais? Ninguém é prejudicado. Só a discriminação e o preconceito perdem espaço neste novo cenário, neste novo Brasil.

Eu estou pronta para um Brasil melhor. E você?

\* Ativista lésbica feminista. Mestranda em Ciências Sociais pela PUC-Rio.





Raquel



Thalita



Victor



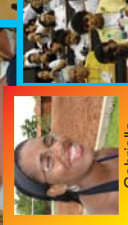
Eiti



Matheus



Israel



Isabel



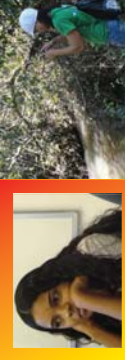
Lucmilla



Lelliane



Julia



Iriana



Pedro



Sissa



Joana



Paula



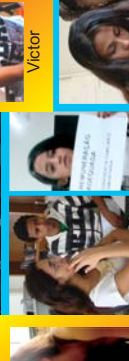
Gabriela



Lucas



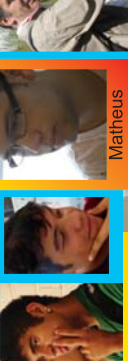
Victor



Isabel



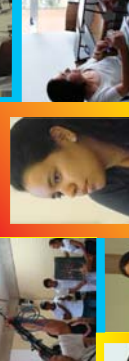
Lucmilla



Lelliane



Julia



Joana



Lucas